

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

“NO MEIO DO PITIÚ” – DIVERSIDADE E ANTIGUIDADE DE SAMBAQUIS
AMAZÔNICOS.

Ana Caroline Sousa da Silva

São Cristóvão
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

“NO MEIO DO PITIÚ” – DIVERSIDADE E ANTIGUIDADE DE SAMBAQUIS
AMAZÔNICOS.

Ana Caroline Sousa da Silva

Apresentação de resultados de pesquisa ao programa de pós-graduação em arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito de título de mestrado da aluna Ana Caroline Sousa da Silva.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daniela Magalhães Klokler

Coorientadora: Gabriela Prestes Carneiro

Agência Financiadora: CAPES

São Cristóvão
2022



MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANA CAROLINE SOUSA DA SILVA

APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE EM 27 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Daniela Magalhães Klokler

1o. Examinadora Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia
PROARQ-UFS

2o. Examinadora Paula Nishida
Centro de Arqueologia de São Paulo



**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586n Silva, Ana Caroline Sousa da
“No meio do Pitiú”: diversidade e antiguidade de sambaquis amazônicos.
/ Ana Caroline Sousa da Silva; orientadora Daniela Magalhães Klokler. -
Laranjeiras, 2022.
101 f., il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de
Sergipe, 2022.

1. Arqueologia. 2. Sambaquis - Amazônia. 3. Antiguidades. 4. Sítios
arqueológicos. 5. Arqueologia e história. I. Klokler, Daniela Magalhães,
orient. II. Título.

CDU 903.28(811.3)



DEDICATÓRIA

Esta dissertação está dedicada a todas as mulheres, periféricas, indígenas, pretas, quilombolas, pobres e mães que estão todos os dias lutando para o fazer da ciência, que passam por momentos difíceis dentro dessa trajetória acadêmica. Em especial todas as que me abraçaram, cuidaram de mim e deram-me forças e energias para não desistir dessa jornada, incluindo minha mãe, irmã, orientadoras e grandes amigas que estão em todo esse Brasil, que mandavam mensagens de apoio direcionando-me e encorajando.

Como diz Grada Kilomba, descrita por Djamila Ribeiro

É comum ouvirmos o quão interessante nosso trabalho é,
mas também ouvimos o quão específico ele é:

“Isso não é nada objetivo!”

“Você tem que ser neutra...”

“Se você quiser se tornar uma acadêmica, não se pode ser
pessoal”

“A ciência é universal, não subjetiva”

“Seu problema é que você superinterpreta a realidade, você
deve achar a rainha da interpretação” (Frases retirada do
livro Lugar de Fala Pp.,86-87- descrita de uma palestra-
performance realizada em 2016, por Grada Kilomba).

Dedico com todo amor a todxs vocês!



AGRADECIMENTOS

E foi nas águas de março, como cantava Elis Regina, que iniciei a escrita desta dissertação. Foi em meio a dor de uma grande pandemia que assolava o mundo, que me vi desenvolvendo tudo o que pensei e coloquei em prática durante esse ano que se passou dentro da pós-graduação.

Assim, inicio agradecendo a Tupã, por toda energia que me deu nesse período, agradeço aos meus antepassados por todos os sinais/pressentimentos por onde deveria seguir. A minha família, especialmente a minha mãe Adriana por nunca desistir de mim, ao meu pai Clodoaldo, minha irmã Adriane e meu padrasto Senivaldo, que me ajudaram dando-me muito amor e tendo paciência em todos os meus momentos. A minha tia Elielza Sardinha e Tio Marcos Nogueira que sempre acreditaram em mim, com ajuda não só financeira, em parte da minha educação (ajudando sempre minha mãe em todos os momentos), mas com o maior apoio que a família pode nos dar que é a confiança e a credibilidade em realizar meus sonhos. Avós, agradeço pelo aprendizado M^a Jesus, M^a Rosalba, M^a Diva, Bruno Fonseca (que perdi durante a minha trajetória), e M^a Conceição que é nossa Matriarca na Aldeia Andirá, eu estou chegando lá, e voltarei para continuarmos lutando pelo nosso **povo Arapiun! SURARA**.

Como disse Paulo Freire, “Não existe educação sem amor”, frase que me fez pensar sobre minha trajetória acadêmica, foi quando pensei em três mulheres fortes que me ensinaram muito, adotaram-me no decorrer desta pesquisa: Daniela Klokler, Gabriela Prestes e Helena Pinto Lima, obrigada pelas imensas conversas que me direcionaram nessa trajetória. Agradeço a todo o corpo docente da Universidade Federal de Sergipe, em especial Bruno Sanches Ranzani, Juliana Machado e Olívia Carvalho que fizeram meus dias mais alegres e **seguros**.

Então chego à caminhada de agradecimentos aos jovens e antigos grandes apoiadores de choros e sorrisos, divisões de casa, pessoas que me acolheram em suas casas, com tanto amor, e nos campos, que me ajudaram muito em minha trajetória, além de alguns goles de cervejas e discussões sobre arqueologia/Antropologia/Minha vida, tentando, como diz Cartola “*Me encontrar*” em mesas de bares. Em especial Natálya Pinheiro, por me apoiar e ser a minha companheira e nunca ter deixado eu desistir, porque foram muitos choros, viagens, cervejas e felicidades.

Continuando e não sendo menos importante aos amigxs: Poyana Lopes, Sabrina Fernandes e sua família, Kevin McDaniel, Alice McDaniel, Katiane, Jheuren Souza, Barbara, Kelton Mendes, Taubinha (Thiago Kater), Laura Furquim, Camila Jacomé – e sua família –



Ravi, Pedro e Sergio , Rafael – O poderoso chefinho (Campo Ponta da Castanha), Thaís Vaz, Anne Rapp Py-Daniel, Claide Paula de Moraes, Raoni Valle, Cristiana Barreto, Marcony Alves, Vitória Campos, Carla Gibertone, Laila (arqueogata+), Myrtle Pearl Schock (que me ensinou quase tudo que eu sei – sendo companheira, professora e orientadora de projeto durante os quatro anos de minha graduação) e todas as pessoas das comunidades onde habitei por alguns dias e que se tornaram parte de mim, como em Tefé , no campo Ponta da Castanha, na Flona de Caxiuanã, em Tocantins. Enfim, a todas essas trocas que me tornaram hoje quem eu sou, todas essas pessoas que me ensinaram sobre arqueologia e sobre a vida. Sou grata e devo dizer o quanto foram importantes para a construção dessa dissertação e como foram, em vários momentos, meus suportes.

Aproveito para agradecer aos fomentos e apoio institucionais ofertados pela Capes, Museu Paraense Emilio Goeldi, Laboratório Curt Niumendajú e Laboratório de paisagem e sociedade – LAPSO.

Gratidão!



(Sambaqui Tupi, sambaqui Tupi)

Heia, heia, heia, heia, há

Hei, hei, hei, hei, hei

A celebração vai começar

Todas as tribos se uniram

No conselho da linguagem mãe Tupi, muirapinima

No centro da aldeia

Os guerreiros com as máscaras de palhas

Cultuam os espíritos das nações indígenas

(Tenhari, Suruí, Abaeté, Macuxi)

Índios primitivos da floresta

Na magia das lanças todos cantam

Em solene dádiva vida eterna da grande nação

Sambaqui Tupi

(Sambaqui tupi, sambaqui tupi)

Gigantesca colina, depósito de conchas é esqueletos

Cemitério das almas

Hei, hei, hei, hei, hei

Waiana- Apalai, Epanara, Pankaraú

Tenhari, Suruí, Paiter, Macuxi



RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a antiguidade e a diversidade dos sambaquis até hoje identificados na Amazônia e sua história na longa duração, a partir dos conceitos de ecologia histórica, da modificação da paisagem e das relações entre as populações que estavam construindo esses sambaquis. Vamos buscar refletir sobre as semelhanças e diferenças (geográficas e materiais) desses sambaquis tendo como base a bibliografia disponível nos relatórios históricos e de pesquisas desses sítios. A metodologia usada é um levantamento bibliográfico de fichas, diários de campo e relatórios (algumas vezes inéditos) que foram encontrados em museus e na internet. A partir dessa compilação de dados, realizamos um novo mapeamento mostrando a localização dos sítios, apresentamos uma síntese sobre a posição geográfica, a extensão do sítio (quando essas informações estiverem disponíveis), a cronologia, o material cultural e o estado de conservação dos sambaquis amazônicos. O trabalho foi estruturado da seguinte forma: (1) histórico de pesquisas dos sambaquis nas regiões brasileiras, (2) métodos realizados na pesquisa, (3) caracterização desses sambaquis por regiões da Amazônia, (4) discussão que será dividida em duas partes: a) os sambaquis como transformações na paisagem, b) preservação dos sítios atualmente e Considerações Finais.

Palavras-chave: Sambaquis, Antiguidade, Ecologia histórica.



ABSTRACT

The objective of this work is to discuss the antiquity and diversity of the sambaquis identified until today in the Amazon and its long-term history, from the concepts of historical ecology, the modification of the landscape, and the relationships between the populations that were building these sambaquis. We will seek to reflect on the similarities and differences (geographical and material) of these sambaquis based on the bibliography available in the historical and research reports of these sites. The methodology used is a bibliographic survey of files, field diaries and reports (sometimes unpublished) that were found in museums and on the internet. From this compilation of data, we carried out a new mapping showing the location of the sites and presented a summary of the geographic position, the extension of the site (when this information is available), the chronology, the cultural material and the state of conservation of the sambaquis. amazon. The work was structured as follows: (1) research history of sambaquis in Brazilian regions, (2) Methods carried out in the research (3) characterization of these sambaquis by regions of the Amazon, (4) discussion that will be divided into two topics: a) the sambaquis as transformations in the landscape, b) preservation of the sites nowadays and Final Considerations.

Key words: Shellmounds, Antiquity, Historical Ecology.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 “E AÍ, O QUE É SAMBAQUI?”	19
1.1 O contexto histórico dos sambaquis brasileiros	20
1.1.1 Períodos de estudos sobre sambaquis.....	22
2 A HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA ABORDADA	27
2. 1 Iniciando a Pesquisa – Leitura Formativa.....	27
2.2 Viajando entre as Regiões a partir dos documentos	30
2.3 Construção de Mapas e Tabulação de dados.....	31
3 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: CARACTERIZAÇÃO DOS SAMBAQUIS AMAZÔNICOS	33
3.1 Sambaquis do Baixo Amazonas.....	35
3.1.1 Taperinha	35
3.1.2 Maicá.....	38
3.1.3 Ilha de Itandyua, Mondongo, Ilha do Taperebá e Lagoa de Vila Franca	40
3.1.4 Porto de Moz.....	41
3.1.5 Ponta do Jauari.....	45
3.2 Sambaquis do Baixo Xingu	48
3.2.1 Sambaquis Guará I e Guará II	48
3.2.2 Sítio Sambaqui Ibama e Forte	48
3.3 Sambaquis Rio Tocantins.....	55
3.4 Sambaquis da Ilha do Marajó.....	55
3.4.1 Sambaqui do Tucumã.....	56
3.5 Litoral do Salgado	57
3.5.1 Sambaqui do Camará (PA-SA-2).....	18
3.5.2 Sambaqui Porto de Mina (PA-SA-05)	18
3.5.3 Sambaqui Ponta de Pedra (PA-SA-06).....	18
3.5.4 Sambaqui S. João de Pirabas (PA-SA-07).....	18
3.5.5 Sambaqui do Viana (PA-SA-08)	19
3.5.6 Sambaqui do Furinho (PA-SA-09).....	19



3.5.7 Sambaqui Ilha da Fortaleza (PA-SA-10).....	19
3.5.8 Sambaqui Guaximim (PA-SA-11)	19
3.5.9 Sambaqui do Tijolo (PA-SA-12).....	20
3.5.10 Sambaqui Coroa Nova (PA-SA-13).....	20
3.5.11 Sambaqui Sumaumeira (PA-SA-14)	20
3.5.12 Sambaqui Caratateua (PA-SA-16).....	20
3.5.13 Sambaqui Uruá (PA-SA-23).....	20
3.5.14 Sambaqui Urucuri (PA-SA-24)	21
3.5.15 Sambaqui Coroatá (PA-SA-25).....	21
3.5.16 Sambaqui do marinho (PA-SA-29)	21
3.5.17 Sambaqui Cocal (PA-SA-30).....	21
3.5.18 Sambaqui do Arroz (PA-SA-31).....	22
3.5.19 Sambaqui da Sumaúma (PA-SA-32)	22
3.5.20 Sambaqui do Bule (PA-SA-33)	22
3.5.21 Sambaqui do Fausto (PA-SA-34).....	22
3.5.22 Sambaqui do Castelo (PA-SA-35)	23
3.5.23 Sambaqui Cotias (PA-SA-37).....	23
3.5.24 Sambaqui Arapiranga (PA-SA-38).....	23
3.6 Litoral do Maranhão.....	23
3.7 Sambaquis do Sudoeste Amazônico	24
4 É DE CONCHA EM CONCHA QUE SE CONSTRÓI SAMBAQUI	35
4.1 Um caminho de leitura.....	35
4.2 "Onde é que tu se escondes?" As diferentes escolhas na implantação na paisagem.	42
4.3 "Te atenta" à preservação dos sítios.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA.....	54



LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Síntese de cada corrente de estudos no início da arqueologia de sambaquis.	21
Tabela 2. Dados sobre a implementação das missões: Francesa e Americana ao Brasil.	22
Tabela 3. Quantidade de sambaquis encontrados na bibliografia.	29
Tabela 4. Informações sobre os sambaquis na Região da Amazônia Legal.	33
Tabela 5. Materiais coletados no sítio arqueológico Ponta do Jauari.	51
Tabela 6. Dados dos Sambaquis do Rio Tocantins.	60
Tabela 7. Sambaquis na Ilha de Marajó.	61
Tabela 8. Sambaquis do estado do Maranhão.	71
Tabela 9. Estado de conservação de cada sítio sambaqui na Região Amazônica.	89



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sambaqui Monte Castelo, localizado no Sudoeste Amazônico	19
Figura 1 – Imagem do Sambaqui no litoral norte de Santa Catarina.	19
Figura 2 – Visão do Sambaqui Saco da Pedra, Alagoas.	20
Figura 3 – Mapa mostrando os dois lugares onde a pesquisa foi realizada.	26
Figura 4 – Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi.	27
Figura 5 – Museu Paraense Emilio Goeldi.	27
Figura 6 – Foto Atual da Fazenda Taperinha.	40
Figura 7 – Sambaqui de Taperinha.	41
Figura 8 – Foto com evidência apenas as conchas.	41
Figura 9 – Foto das conchas que estão em evidência em cima do Sambaqui.	41
Figura 10 – Fragmentos cerâmicos coletados por Frederick Hartt (1870), e atualmente na reserva técnica do Museu Paraense Emilio Goeldi.	42
Figura 11 – Conchas encontradas no sítio sambaqui de Taperinha, Região de Santarém.	43
Figura 12 – Mapa do Bairro do Maicá em relação a Santarém.	43
Figura 13 – Foto do sambaqui de Maicá.	44
Figura 14 – Foto com a apresentação de conchas presentes no sambaqui.	45
Figura 16 – Localização aproximada dos sítios sambaquis: Ilha de Itandyua, Mondongo, Ilha do Taperebá e Lagoa de Vila Franca.	46
Figura 17 – Cidade de Porto de Moz.	47
Figura 15 – Foto da cidade de Porto de Moz.	47
Figura 16 – Fotos do Sambaqui de Porto de Moz.	49
Figura 17 – Mapa D'Aquino, com a localização do sítio Ponta do Jauari.	50
Figura 18 – Imagem de algumas cerâmicas da coleção Protásio Frikel.	51
Figura 19 – Imagem de alguns líticos da coleção Protásio Frikel.	51
Figura 20 – Fauna encontrada em prospecção no sítio Ponta do Jauari (A) Costela de mamífero aquático (B) Vértebra de mamífero aquático, (C) Vertebra de pirarucu fragmentada e (D) Nadadeira Peitoral de Siluriforme.	52
Figura 21 – Localização do sítio arqueológico Ibama.	54
Figura 22 – Localização aérea da sede do ICMBio, mostrando a área do sítio Ibama	55
Figura 23 – Imagem do primeiro nível de escavação, evidenciando a Terra Preta do montículo no ano de 2016.	56
Figura 24 – Imagem da área de escavada no ano de 2016 sítio Ibama	56



Figura 25 – Imagem evidenciando o perfil com cerâmicas e camada de conchas no ano de 2016 sítio Ibama.	56
Figura 26 – Cerâmica encontrada no sítio Ibama.	57
Figura 27 – Cerâmica encontrada no sítio Ibama em contexto.	57
Figura 28 – Mapa localizando o sítio arqueológico Forte.	58
Figura 29 – Algumas cerâmicas encontradas no Sítio Forte.	59
Figura 30 – Cerâmicas encontradas no Sítio Forte.	59
Figura 31 – Mapa da Ilha do Marajó.	61
Figura 32 – Perfil da escavação do sítio arqueológico Tucumã em 2012.	62
Figura 33 - Escavação do sítio arqueológico Tucumã em 2015.	62
Figura 34 – Imagem do sambaqui Monte Castelo em época de vazante.	72
Figura 35 – Escavações de Eurico Miller no Sambaqui Monte Castelo em 1983.	73
Figura 39 - Imagem mostrando modificações realizadas na Paisagem no rio Tapajós. Resultado de contaminação por Mercúrio	81
Figura 40 – Interior da lagoa circular com saída do canal visível no centro.	82
Figura 41 – Imagem de geoglifo presente no Acre.	83
Figura 36 – Foto de solo Antrópico sendo medido.	83



LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa de Sambaquis da Região Amazônica.	35
Mapa 2 – Mapa com a localização de sítios sambaquis do complexo Salgado	51



LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 – Datações radiocarbônicas dos sítios sambaquis.	84
Fluxograma 2 – Datações das ocupações, tradições cerâmicas relacionadas e a sociedade que estava ocupando esses sítios.	84



LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIACÕES

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
FLONA	Floresta Nacional
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
PRONABA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica
PRONAPA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas
QGIS	Software livre do Sistema de Informações Geográficas
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
USP	Universidade de São Paulo



INTRODUÇÃO

A minha pesquisa inicial, submetida no período de seleção do PROARQ, tinha como título “*Diálogos através do tempo: Marcas de Uso da Fauna dos Sítios da FLONA Caxiuanã – Portal e Melgaço, Pará*”. Tal projeto tinha como pretensão analisar os vestígios faunísticos dos sítios IBAMA e Forte. No entanto, com o avanço da pandemia da COVID-19 pelo país, o projeto precisou ser reestruturado, já que impossibilitou o meu acesso e permanência nas dependências dos laboratórios de arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi e Curt Nimuendaju da Universidade Federal do Oeste do Pará. Diante dessa dificuldade, tornou-se viável realizar um levantamento de literatura sobre os sítios arqueológicos – sambaquis – para apresentar um panorama e a distribuição destes, além de discutir sobre o estado de conservação e integridade de tais sítios que desde o século XIX sofreram uma série de intervenções, resultando, muitas vezes, na própria destruição do patrimônio histórico e arqueológico.

No projeto de pesquisa “*No meio do pitiú¹ - Diversidade E Antiguidade De Sambaquis Amazônicos*” está dividido em quatro capítulos. O **primeiro** busca apresentar o contexto histórico de pesquisa dos sambaquis brasileiros e os períodos de estudos sobre tais sítios arqueológicos, dando ênfase nas principais teorias sobre as construções dessas estruturas. Já o **segundo** capítulo foi conduzido para demonstrar as etapas do desenvolvimento do presente estudo, incluindo metodologias e técnicas para a viabilidade da produção dessa dissertação. O **terceiro** traz um levantamento detalhado e uma caracterização sobre os sítios sambaquis identificados na Amazônia Legal, assim como a própria distribuição de tais sítios. O **último capítulo** busca discutir os dados levantados a partir do programa de pesquisa interdisciplinar da Ecologia Histórica, junto às transformações da paisagem por meio de Smith (2011) e Crumley (1996).

¹ Trata-se de uma gíria popular do estado Pará para se referir ao odor forte, semelhante ao de peixe; cheiro de maresia; mencionada na canção da Dona Onete, artista paraense.



1 “E AÍ, O QUE É SAMBAQUI?”

A referência mais antiga a esses sítios de que se tem notícia é a de José de Anchieta, que, em 1549, mencionou na Informação da Província do Brasil a grande quantidade de ostras existentes em São Paulo e as “ilhas de cascas” das quais se fazia uma cal tão boa quanto a obtida a partir da pedra calcária (LIMA, 2000, p. 286).

Este capítulo tem como finalidade apresentar uma contextualização histórica sobre os sítios arqueológicos do tipo sambaqui. Busca-se demonstrar que as primeiras identificações e informações em torno dos sambaquis estão presentes em relatos históricos a partir do século XVI. Além disso, mostra-se também a vasta ocorrência desses sítios arqueológicos no território brasileiro.

1.1 O contexto histórico dos sambaquis brasileiros

Sambaqui é uma palavra de origem Tupi, *Tamba-Marisco e Ki-Amontoado* (ROHR, 1984). Estes são acumulados de conchas que estão presentes principalmente na região litorânea do país (LIMA, 2000), como define em mais detalhes Gabriela Oppitz, (2011, p. 12):

Sambaquis são elevações de formas e dimensões variadas, constituídas principalmente por valvas de moluscos e encontradas em diferentes partes do mundo. No caso brasileiro, estas elevações estão associadas a grupos pré-coloniais de pescadores-caçadores-coletores que se instalaram na faixa litorânea por volta de 6.500 A. P, deixando vestígios como frutos, sementes, restos faunísticos, artefatos líticos e ósseos, marcas de estacas, manchas de fogueiras e sepultamentos humanos.

Esses sítios foram identificados desde o século XVI, tendo suas primeiras menções realizadas por religiosos, como, por exemplo, Pe. Jesuíta Fernão Cardim, Frei Gaspar da Madre de Deus e Pe. José Anchieta (Calanzas, 2016; Lima, 2000). Eles referiam-se a esses sambaquis como grandes “ilhas de Cascas” ou como serras de cascas, de onde tiravam uma cal muito boa (LIMA, 2000).

Os sambaquis estão presentes, principalmente, na área litorânea do país e já foram identificados em várias regiões, como na Região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo), Região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) e, por fim, na Região Norte, que compreende o território da Amazônia Legal.

Apesar da presença de muitos sítios arqueológicos de sambaquis, em relatos históricos, atualmente não é comum serem vistos, pois muitos deles foram parcialmente ou totalmente destruídos.



A destruição dos sambaquis está diretamente ligada à atividade de exploração, já que as conchas têm propriedades importantes para a fabricação de argamassa, fertilizantes, adubos e para a pavimentação de estradas (LIMA, 2000). Foi principalmente durante os séculos XVIII e XIX, que os sambaquis passaram por um processo acelerado de destruição, por intervenção humana, devido à exploração da cal (Silveira & Schaan, 2005). Alguns desses sambaquis foram explorados até meados da década de 80 e destruídos totalmente, sendo impulsionada a lei de preservação do patrimônio arqueológico.

As primeiras alusões aos sambaquis em relatos históricos os descrevem como “montes de ostras-conchas”. Apesar das descrições desses sítios sugerirem que eles fossem monumentos grandes (LIMA, 2000), aparecem, em literaturas e estudos atuais sobre a diversidade desses sítios, como, por exemplo, Gabriela Oppitz (2011) cita: “esses sambaquis podem ter porte muito menor e que saem desse padrão de grandes montes descritos em relatos históricos”.

No caso da presente pesquisa, buscou-se sistematizar dados de sambaquis, mostrando a sua diversidade em relatos históricos e estudos atuais desses sítios. Abaixo, há imagens de sambaquis para mostrar um pouco sobre a diversidade destes entre as regiões brasileiras.

Figura 1 – Sambaqui Monte Castelo, localizado no Sudoeste Amazônico.



Fonte: Pugliese et al. (2017).

Figura 37 – Imagem do Sambaqui no litoral norte de Santa Catarina.



Fonte: Lima (1999-2000).



Figura 38 – Visão do Sambaqui Saco da Pedra, Alagoas.



Fonte: Silva (2009).

As pesquisas foram realizadas com muito mais intensidade nas regiões Sul e Sudeste do país. Essa intensidade de estudos nessas regiões mostra o panorama de como a sociedade arqueológica estava naquele momento, o momento em que a arqueologia era representada apenas por uma pequena elite acadêmica presentes nessas regiões e que, conseqüentemente, resultava em grandes estudos sistemáticos voltados apenas para esses locais (BARRETO, 2000).

Ao contrário das regiões mencionadas, menos estudos sistemáticos eram realizados nas outras regiões brasileiras. Outro motivo para um aumento diverso de estudos sobre sambaquis na região Sul e Sudeste são os grandes empreendimentos que começaram rapidamente nessas áreas e que necessitam de estudos de impacto ambiental, que promove o resgate do patrimônio arqueológico e cultural, segundo a legislação brasileira a lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que é de obrigatoriedade presente na Constituição Federal.

1.1.1 Períodos de estudos sobre sambaquis

O primeiro momento de estudos dos sambaquis foi apresentado por Lima (2000) como um período denominado de *Observações e Especulações* (Século XVI e XIX), no qual as discussões estavam voltadas para o questionamento se os *sambaquis eram de origem antrópica ou natural* (Gaspar, 1991; Gaspar e DeBlasis, 1992; Figuti & Klokler, 1996; Lima, 1999-2000). Essa discussão girava em torno de três ideias iniciais que eram de que alguns pesquisadores acreditavam na (1) *Origem Antrópica dos Sambaquis*, um segundo grupo que acreditava que esses sítios arqueológicos teriam (2) *Origem natural* e a terceira face que era que os sambaquis poderiam ser resultado de (3) *Origem natural e Artificial*.



(1) **Origem Antrópica dos Sambaquis** – A corrente da origem Antrópica dos Sambaquis teve à sua frente apoiadores como Frederick Hartt, Ferreira Penna, Orville Derby e J. B. Sterre, que estudavam na Amazônia e com o passar das discussões participaram outros pesquisadores, que entendiam que os sambaquis tinham sido construções realizadas por populações indígenas no passado, e usavam para apoiar essa ideia uma analogia com os recém-descobertos (1850) “*kjoekkenmoeddings*”²(Monte de Conchas) na Dinamarca.

(2) **Origem natural** – Inversamente à outra corrente de ideia, esta afirmava que esses sambaquis eram de origem natural sendo o resultado do grande dilúvio, tendo à frente pesquisadores da geologia, zoologia botânica e antropologia (LIMA, 1999-2000). O pesquisador Ihering, em 1907, entendia que, apesar do rebaixamento do continente nas regiões costeiras, o monte de conchas havia formado-se naturalmente

(3) **Origem natural e Artificial** – A terceira e última corrente de ideias de estudos de sambaquis ressaltava que essas formações poderiam ser resultadas tanto naturais, como artificiais ou fortuitas.

Tabela 3. Síntese de cada corrente de estudos no início da arqueologia de sambaquis.

Correntes iniciais das formações dos sítios Arqueológicos sambaquis	Síntese
1º corrente	Origem dos sambaquis: Antrópica – Grupos indígenas do passado.
2º corrente	Origem de sambaquis: Artificiais – Dilúvio – Subida do nível do Mar.
3º corrente	Origem desses sítios: Tanto Artificiais como antrópica – <i>Corrente mista</i> .

Fonte: Autoria própria (2022).

Após esse primeiro momento nas abordagens em sambaquis, na primeira metade do século XX, as discussões acadêmicas continuam efervescentes sobre a origem dos sambaquis, mas estão mais voltadas a dar *Explicações e Esclarecimentos* sobre esses sítios arqueológicos (LIMA, 1999-2000). Neste momento, procurou a definição dos sambaquis e onde surgiu a

² “acumulações de detritos de cozinha do homem neolítico”, ou ainda como cemitérios, ou mesmo monumentos fúnebres. No seu interior eram encontrados fogões com cinzas e carvões, ossos e artefatos então considerados típicos da indústria neolítica (LIMA, 1999-2000. p. 287).



classificação de categorias desses sambaquis que são os (1) Sambaquis Litorâneos (2) Lagunares, (3) Fluviais.

(1) **Sambaquis Litorâneos:** Situados nas imediações da costa construídos quase somente por conchas de água salgada ou salobra.

(2) **Lagunares:** Encontrados perto de lagoas, com a presença de conchas de moluscos de água salgada ou salobra.

(3) **Fluviais:** Encontrados nas beiras de rio, com a presença de valvas de moluscos presentes nos rios.

Dos anos de 1950 até 1970 ocorreu um dos grandes marcos muito significativos, não apenas para a história dos estudos de sítios arqueológicos sambaquis, mas para a história da arqueologia brasileira, que foi a presença de duas missões estrangeiras no Brasil – **A missão Francesa** com o casal Joseph Emperaire e Anette Laming e a **Missão Americana** com Clifford Evans e Betty Meggers do Instituto Americano (Smithsonian Institution) e Wesley R. Hurt, sendo marcado por estudos de arqueologia junto com geomorfologia, inicialmente com o trabalho de Luiz Castro Faria, pelo Museu Nacional, em 1950, trazendo, pela primeira vez, escavação sistemática em sambaqui. As discussões eram voltadas sobre a cultura dos grupos, com a construção de tipologias, no caso, as tradições e fases arqueológicas do litoral brasileiro, porém ainda não deixando a discussão sobre as origens desses sítios (LIMA, 2000).

Tabela 4. Dados sobre a implementação das missões: Francesa e Americana ao Brasil.

<i>A missão Francesa</i>	Responsáveis pela vinda: Paulo Duarte e José Loureiro Fernandes	Ano da chegada: 1950	Finalidade: Incrementar a pesquisa e formar pessoas qualificadas para o estudo dos sambaquis, e ajudar na proteção do patrimônio arqueológico.
<i>Missão Americana</i>	Responsáveis pela vinda: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (Cepa), na Universidade Federal do Paraná	Ano da chegada: 1964	Finalidade: curso sobre Pré-História da América e iniciar pesquisas em sambaquis

Fonte: Autoria própria (2022).

As missões Francesa e Americana iniciaram escavações sistemáticas, onde observaram, em especial, a estratigrafia desses sítios arqueológicos, constataram que essa estratigrafia tinha como ser considerada para entender sobre o espaço-tempo dessas populações, advindo em uma



cronologia relativa aos sítios sambaquis que resultaram em comparações entre esses sítios, trazendo as diferenças culturais entre eles (Tipologias criadas através dos materiais culturais) (LIMA, 2000-1999).

As tipologias de sítios sambaquis e a formulação de tradições arqueológicas nesse período buscaram entender essas populações, sendo observados não apenas os sepultamentos (crânios e ossos humanos), mas os vestígios faunísticos que estavam presentes no contexto investigado (GASPAR E DEBLASIS, 1992). Ao chegar em 1980, no momento em que a zooarqueologia foi fortemente direcionada para o estudo de sítios litorâneos, pelo motivo de haver uma quantidade muito grande de restos de animais nesses sítios que conseguiam se preservar durante muito tempo, [...] em função da quantidade de restos faunísticos que neles ocorre e que não só precisam ser explicados, como também constituem, antes de tudo, elementos cruciais para o seu entendimento (LIMA, 2000-1999. p. 305).

Na década de 1990, há a consolidação da zooarqueologia como disciplina na arqueologia brasileira. Logo, os trabalhos estavam ligados com a bioantropologia, buscando entender os comportamentos sociais desses grupos sambaquieiros (LIMA, 1999-2000). Trabalhos como o de Levy Figuti abordam temas como a dieta dessas populações, relacionada diretamente com a pesca e trazendo um fato novo que era a compreensão do sedimento desses sítios como artefato (LIMA, 2000; FIGUTI, 1993; FIGUTI & KLOKLER, 1996;). Atualmente, buscam entender a relação de sociedade sambaquieiras com aspectos políticos, sociais e simbólicos desses grupos.

Como afirma Villagran (2013, p. 144):

A relação dos sambaquieiros com as fontes de recursos aquáticos (mar, lagunas, estuários), iria além da exploração dos seus componentes bióticos para a subsistência do grupo. A exploração dos ambientes litorâneos os comportaria uma visão específica do mundo, desenvolvida a partir do vínculo e da “apropriação” não exclusivamente econômica, mas também política, social e simbólica do meio físico e suas particularidades.

O ir além da exploração de recursos, que Villagran (2013) afirma, está bem claro em pesquisas como a de Klokler (2012), no sítio Jabuticabeira II, que traz a visão além do consumo, discute análises de festins. Ou seja, consumos comunitários em sambaquis não associados a atividades domésticas, mas a rituais funerários (KLOKLER, 2012). Outra pesquisa que exemplifica de maneira singular os estudos atuais sobre pesquisas zooarqueologia é a de Oliveira e Klokler (2018), que discutem gêneros em rituais no sítio Justino, pois o ato de comer vai muito além da sobrevivência, é a partir da alimentação que conseguimos entender relações desses grupos humanos do passado (KLOKLER, 2018).



Em suma, o estudo de sambaquis inicia há muito tempo e passa por momentos comparativos, descritivos, especulativos, entre outros, chegando a discussões atuais sobre a “*arte de se alimentar*”. Os resultados podem ser interpretativos, mas podem, também, trazer para a comunidade científica muito sobre essas populações-sociedades sambaqueiras que estavam vivendo, construindo, mantendo relações de trocas e modificando a paisagem constantemente.

Apesar de nesse capítulo não haver uma discussão sobre esses sítios arqueológicos com mais profundidade, foi possível ver em uma síntese sobre as pesquisas realizadas em sambaquis, a diversidade e antiguidade desses sítios será apresentada em posteriores capítulos.

O capítulo 3 traz discussões sobre os sambaquis amazônicos, com um panorama na Amazônia Legal, mostrando a diversidade de uma história de longa duração nesse ambiente amazônico. Ao contrário da imagem de uma floresta virgem e intocada, bem como improdutiva (MEGGERS, 1977), estudos engajados em estabelecer um diálogo com a etnohistória, a arqueologia e a antropologia, tecem um quadro de populações indígenas com um complexo gradiente de manejo e cultivo (FURQUIM, 2018) e especializadas na elaboração de cerâmicas (GUAPINDAIA, 2004) e com uma dieta diversificada (PRESTES-CARNEIRO et al., 2017). A floresta amazônica, local que possui o maior rio do mundo em extensão e profundidade, e tem uma grande biodiversidade, revela uma história indígena de ocupação profícua.



2 A HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA ABORDADA

Ler significa conhecer, interpretar, decifrar. A maior parte dos conhecimentos é obtida através da leitura, que possibilita não só a ampliação, como também o aprofundamento do saber de determinado campo cultural ou científico (LAKATOS & MARCONI, 1992, p. 15).

2. 1 Iniciando a Pesquisa – Leitura Formativa

No início da pesquisa foi necessário refletir sobre algumas perguntas (1) “Como essa pesquisa pode ser realizada? (2) Onde ela poderá ser desenvolvida? (3) E será que é possível ela ser realizada no tempo planejado?”.

A partir dessas perguntas entendi que em primeiro momento não era possível concluir o projeto de mestrado que tinha sido proposto inicialmente, pois com a pandemia do COVID-19 não tínhamos o tempo necessário para desenvolver a pesquisa proposta que era intitulada: **Diálogos através do tempo: Marcas de Uso da fauna dos sítios da FLONA de Caxiuanã – Portel e Melgaço, Pará**, que tinha como objetivo compreender a dieta alimentar de grupos antes do contato na região de Caxiuanã, especificamente de dois sítios sambaquis, *Forte e Ibama* tentando investigar qual era o papel econômico dos animais nestas sociedades, trazendo para a reflexão os aspectos simbólicos que poderiam estar envolvidos nestas escolhas.

Sendo assim, mudamos o viés da pesquisa para apenas bibliográfica, uma alternativa viável para o momento vivido. A partir dessa mudança, agora com um viés de descrições de sambaquis Amazônicos, o projeto passou a ser intitulado “**NO MEIO DO PITIÚ**” – **DIVERSIDADE E ANTIGUIDADE DE SAMBAQUIS AMAZÔNICOS**, tendo como objetivo geral discutir a antiguidade e a diversidade dos sambaquis até hoje identificados na Amazônia e sua história na longa duração, a partir dos conceitos de ecologia histórica, da modificação da paisagem, e das relações entre as populações que estavam sendo construídas nesses sambaquis. Buscando refletir sobre as semelhanças e diferenças desses sambaquis tendo como base a bibliografia disponível nos relatórios históricos e de pesquisas desses sítios.

Respeitando as perguntas propostas inicialmente de como, onde e se era possível realizar a pesquisa, conseguimos compreender a importância da mudança do projeto. Continuando, achei importante descrever que essa pesquisa foi desenvolvida em sua maioria na cidade de Belém, capital do estado do Pará, na reserva técnica do Museu Paraense Emílio Goeldi e na cidade de Santarém, na Universidade Federal do Oeste do Pará, especificamente no



Laboratório de Arqueologia Curt Niumendajú, e sua escrita em *home office* na cidade de Santarém.

Figura 39 – Mapa mostrando os dois lugares onde a pesquisa foi realizada.



Fonte: Google Earth.

Com a mudança e as adaptações do projeto, o resultado dessa pesquisa foi o levantamento bibliográfico com apoio das instituições citadas acima, com a visita em suas reservas técnicas, leitura de material de apoio e acesso para área de estudo com esse material, como, por exemplo, livros e material de pesquisa. Outra preocupação que tínhamos era sobre o tempo, refletindo se era possível concluir a pesquisa a considerar o tempo que tínhamos para fazer esse levantamento bibliográfico. Então, foi feito um cronograma para determinar as atividades por capítulos para conseguir obter os resultados dos objetivos da presente pesquisa. Os objetivos específicos estão elencados a seguir:

- Fazer um levantamento bibliográfico de sambaquis Amazônicos;
- Criar um banco de dados de sambaquis na região Amazônica;
- A partir desses dados gerados através da bibliografia, criar mapas com a localização geográfica de cada sambaqui;
- Discutir sobre a diversidade e antiguidade desses sítios, buscando entender melhor essas transformações na paisagem através do programa de pesquisa interdisciplinar da Ecologia Histórica;



- A partir desses levantamentos, discutir a importância da legislação brasileira de proteção de sítios arqueológicos sambaquis.

Como citado acima, a melhor maneira de realizar este trabalho foi através de extenso **levantamento bibliográfico** sobre informações publicadas sobre sambaquis na região Amazônica. As informações foram encontradas por meio de pesquisas em periódicos da CAPES, na biblioteca virtual da USP e via Google Scholar, o último revelou-se extremamente fundamental visto esta dissertação ter sido realizada parcialmente durante período da pandemia da COVID-19.

Desse modo, todos os documentos que não estavam disponibilizados na internet, que envolviam relatórios de projetos de campo, artigos, cadernos de campo de projetos, publicações, teses e dissertações, foram examinados presencialmente, em bibliotecas e em reservas técnicas mediante autorização especial dos responsáveis.

O primeiro passo realizado buscou fazer a leitura de documentações bibliográficas para conseguir identificar e retirar os dados que eram necessários, sendo implementada a leitura de “*aproveitamento ou formativa*”. Este tipo de leitura, resumidamente, está relacionado a aprender algo novo ou aprofundar-se em conhecimentos anteriores (Lakatos & Marconi, 1992).

A leitura de aproveitamento ou formativa foi feita de maneira dirigida, dividida por capítulos e com sugestões iniciais de debates e autores. Produziu-se uma planilha com esta divisão para o desenvolvimento da pesquisa e a leitura direcionada.

Apesar de atualmente existirem muitas publicações digitalizadas e passíveis de serem encontrada por sites da internet (bibliotecas virtuais), existiam algumas bibliografias que não estavam digitalizadas, sendo encontradas apenas na biblioteca, laboratório e reserva técnica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Esse processo ocorreu em um período bem difícil da pandemia de COVID-19, no qual o acesso às dependências da biblioteca e do próprio museu eram complicadas por questões do aumento de casos da doença em Belém, o que limitou a entrada e a saída da instituição. Com a flexibilização ocorrida no período, foi possível fazer o levantamento bibliográfico de trabalhos pertinentes à presente pesquisa.

Figura 40 – Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi.



Figura 41 – Museu Paraense Emilio Goeldi.





Fonte: Aatoria própria (2022).

Fonte: Aatoria própria (2022).

Destas documentações foram retirados dados históricos, como, por exemplo, (1) coordenadas e localizações geográficas para georreferenciar os sítios arqueológicos sambaquis (2) Estado de conservação dos sítios (3) Tipo de cultura material encontrada em cada sítio (4) Cronologia dos sítios e (5) Caracterizações dos sítios. Com base nos dados possíveis de serem acessados, foram formuladas tabelas com as coordenadas geográficas. Quando não conseguimos encontrar as coordenadas, utilizamos os dados disponíveis para sugerir suas localizações aproximadas, para, assim, obter um panorama geral desses sítios.

Além disso, fez-se o levantamento de quantos sítios arqueológicos foram anteriormente identificados, qual o estado de conservação, quantos e quais receberam intervenções arqueológicas, quantos foram destruídos, os motivos de sua destruição e como eles foram descritos e interpretados pelos pesquisadores no período em que foram encontrados. A partir desse levantamento, foi possível construir um banco de dados sobre os sítios presentes na Amazônia Legal e as suas condições de conservação.

Este exercício tem como finalidade construir um banco de dados de sambaquis e suas características na região da Amazônia Legal para discutir acerca da história da ocupação e transformação da região ao longo do tempo, debater a integridade de tais sítios para futuros trabalhos, além de pensar em políticas públicas sobre a conservação dos sítios importantes para a compreensão da história de povos originários amazônicos e que assegurem a preservação de tais contextos. Pode-se visualizar abaixo, na Tabela 3 como foi realizado o levantamento dos dados em relação aos sambaquis mencionados em referências históricas e trabalhos acadêmicos.

2.2 Viajando entre as Regiões a partir dos documentos

Para iniciar nossa pesquisa, dividimos os estudos por regiões da Amazônia, pelo motivo de que estava, naquele momento, com acesso à reserva técnica com as documentações que apenas podiam ser acessadas durante a minha permanência no Museu Paraense Emílio Goeldi. Buscou-se, nesse primeiro momento, acessar as documentações do Projeto Litoral do Salgado



(1968-69), que foram importantes para compreender no tocante às localizações e o estado de conservação desses sambaquis para a discussão deste trabalho.

Como já estava centrada em trabalhos no Litoral Amazônico, permaneci investigando os estudos desenvolvidos no **litoral maranhense**, pois ali existia semelhanças entre esses sítios, como o ambiente que se encontravam e a presença da cerâmica associada à fase Mina que se identifica nesses sambaquis. Sucessivamente, viajando para o estado Paraense, novamente com as atenções voltadas aos **sambaquis do Pará**, com pesquisadores que trouxeram referências e pesquisas que apresentavam datações antigas e muitas discussões, assim como reflexões sobre alimentação e modo de vida dessas sociedades. Posteriormente, as leituras saíram da região Paraense e foram para a **Amazônia Boliviana**, onde há grandes avanços nos debates sobre este panorama.

2.3 Construção de Mapas e Tabulação de dados

A partir dessas leituras, houve a segunda etapa – Tabulação de dados para o Georreferenciamento, através da criação de tabelas no Excel para entender melhor onde esses sambaquis estavam. A partir desses dados organizados e tabelados, criamos os mapas apresentados no decorrer do texto.

É importante mencionar que foram levantados dados de 80 sambaquis na Amazônia Legal, como mostra a tabela abaixo. A maior parte está localizada na região do litoral do Salgado, assim como no litoral do Maranhão.

Tabela 5. Quantidade de sambaquis encontrados na bibliografia.

Região	Quantidade de sítios
BAIXO AMAZONAS	8
BAIXO XINGU	4
RIO TOCANTINS	3
ILHA DO MARAJÓ	3
LITORAL DO SALGADO	43
LITORAL DO MARANHÃO	14
SUDOESTE AMAZÔNICO	5
Total	80

Fonte: Autoria própria (2022).



A parte de geoprocessamento foi realizada com a colaboração do pesquisador Francisco Abrahão Gonzaga, através do programa QGIS, que é um software livre aberto que permite a edição de dados georreferenciados. Assim, foi possível realizar a visualização das localizações desses sítios, para conseguirmos pensar melhor nessas áreas em uma visão mais ampla de onde estavam esses sambaquis, perto de quais rios, que tipos de ambientes e como estavam sendo feitas essas distribuições.

Como visto, foi possível sistematizar dados importantes sobre sambaquis na Região da Amazônia, que através da literatura estavam nessa região, para a partir deles tecer considerações e gerar discussões sobre estado **de preservação, políticas e ações dentro da legislação de proteção a estes sambaquis e mudanças da paisagem, entre outras temáticas sobre os Povos originários da Amazônia.**



3 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: CARACTERIZAÇÃO DOS SAMBAQUIS AMAZÔNICOS

Este capítulo tem como finalidade apresentar os sambaquis identificados na região da Amazônia Legal e verificar suas possíveis diferenças ou similaridades. Primeiramente, é demonstrada a antiguidade da menção de sítios arqueológicos do tipo sambaqui em relatos históricos escritos por cronistas e viajantes. A seguir, discute-se como estes sítios, localizados tanto em áreas litorâneas como em áreas fluviais, apresentam distintas profundidades temporais de ocupação e variabilidade artefactual.

A presença de sambaquis na Amazônia é observada desde o final do século XIX. Os viajantes, naturalistas, cronistas e, mais tarde, equipes de pesquisadores que passaram pela Amazônia, dedicaram-se a falar sobre esses sítios, tais como: Penna (1876), Barbosa Rodrigues (1875), Hartt (1885), Hilbert (1959), Meggers e Evans (1960), Perota e Botelho (1968), Simões e Corrêa (1981), Roosevelt et al. (1991), Miller (1992), Bandeira (2008), Canto (2016), Schann (2010), Imazio da Silveira (2011), Pugliese (2018) e Prestes-Carneiro (2017), entre outros.

O Prof. Charles Linden, da cidade de Buñalo, New-York, estando no Pará no anno de 1873, foi informado da existência de um sambaqui composto de conchas de ostras, no Pinheiro, bem conhecido ponto no lado meridional do rio Pará, situado algumas milhas abaixo da cidade, e graciosamente me ofereceu uma collecção de conchas e de fragmentos de louça, collecção feita por um moço que elle mandou examinar a localidade. As conchas são de ostras, raolluscos que hoje não habitam as aguas doces do rio Pará, e a sua existência no Pinheiro parece indicar uma grande modificação physica no valle do Amazonas, subsequente á formação do sambaqui. Este e os sambaquis de Salinas merecera um estudo cuidadoso, não só por causa da luz que possam dar sobre os antigos habitantes do paiz, como também piíla que provavelmente dariam sobre algumas das ultimas modificações physicas que se passaram na foz do valle do Amazonas (HART, 1885, p. 8).

Tivemos momentos distintos de pesquisas arqueológicas na Amazônia, que segundo Canto (2016, p. 32-34) podem ser divididos por períodos: **(1) Especulativo**, **(2) Descritivo-Classificatório**, **(3) Histórico Classificatório** e, **(4) Período moderno**.

O Período Especulativo – Em uma breve síntese, esse período ocorreu entre 1492 e 1840 e denomina-se especulativo, pois havia muitas especulações sobre a origem desses sítios, justamente associando a formação de tais aglomerados de conchas como origem natural ou antrópica. Alguns cronistas e viajantes passaram nessa época pela região, Claude D'Abbeville, em 1613, Jerônimo de Albuquerque, em meados de 1615, Feliciano Ramos de Nobre Mourão, por volta de 1764 e José Monteiro de Noronha, em 1768.

Ele foi seguido pelo período **Descritivo Classificatório**, com a presença de viajantes naturalistas que tiveram uma direção muito mais descritiva sobre esses sambaquis, mostrando em suas anotações características sobre os sítios, como tamanho, dimensões e vestígios



arqueológicos encontrado nos sambaquis. Em meados do século XIX, encontram-se pesquisas sistemáticas com estudos de Henry Walter Bates, em 1848, Charles Frederick Hartt, entre 1871 e 1885, João Barbosa Rodrigues, em 1876 e Domingos Sousa Ferreira Penna, 1876.

O período **Histórico- Classificatório** vem sendo marcado pela presença de pesquisas sistemáticas sobre sambaquis, com análises mais aprofundadas, sendo a diferença entre o período descritivo e o histórico classificatório a presença de escavações arqueológicas e análises e interpretações sobre esses sítios (CANTO, 2016). Com a presença de projetos de Gunther Protásio Frikel em 1939, 1940 e 1941 e Piter Paul Hilbert em 1959.

O **Período Moderno** está marcado entre 1960 e 2000, com pesquisas associadas aos programas PRONAPA³ e PRONAPABA⁴, que discutiam questões sobre povoamento da Amazônia, refletindo sobre antiguidade e complexidade das ocupações humanas dessa região. Dentre as quais destacamos as pesquisas de Mario Ferreira Simões (1971-1975-1981), Celso Perota (1977), Eurico Miller (1980-1983), José Proenza Brochado (1984), Celso Perota e Walne Cassiano Botelho (1990-1994), Anna Roosevelt (1991-1999) e Maura Imazio (1999).

Na Amazônia Legal, considerando o Maranhão como parte desta Amazônia, e as fronteiras nas Guianas e na Bolívia, vários sambaquis foram mapeados ao longo do tempo. Em relação à distribuição dos sambaquis na região amazônica, Ferreira Penna (1876) relata que não havia somente sambaquis na costa marítima; estes eram também encontrados no interior do Pará, ao redor de grandes lagos ou baías, perto da Costa Meridional do rio Amazonas e na região ocidental do Tocantins.

Logo, observa-se que estão em localizações distintas: desde próximos a grandes rios como o Sambaqui de Taperinha no rio Amazonas (ROOSEVELT et al., 1991), como inseridos em ilhas de florestas como o Sambaqui de Monte Castelo, na região do Rio Guaporé (ROOSEVELT et al., 1991; FURQUIM, 2018; PUGLIESE, 2018) e perto de lagos e igarapés como, por exemplo, o Sambaqui Forte, na região da Flona de Caxiuanã (MARTINS, 2017; LIMA, 2018). Ainda sobre a distribuição dos sambaquis na Amazônia, Pugliese e colaboradores (2017) descrevem que estes podem ser encontrados no Baixo Amazonas e no Sudoeste Amazônico.

Além disso, tornou-se necessário descrever, detalhadamente, os sambaquis identificados na literatura para tentar compreender suas características, em tentativa de sintetizar os dados nas diferentes regiões (definidas na Tabela 1). Infelizmente, as fontes publicadas (e relatórios)

³ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas

⁴ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica.



a que tivemos acesso nem sempre contemplam todos os dados que seriam de nosso interesse (e descritos no capítulo 3), sendo assim, foram caracterizados com mais profundidade os sítios aos quais foi possível encontrar informações mais detalhadas na bibliografia. Por conta disso, há distinções no tipo e alcance dos dados incluídos a seguir.

3.1 Sambaquis do Baixo Amazonas

Poucos sambaquis fluviais na região Norte foram estudados sistematicamente. O mais conhecido deles é o Sambaqui Taperinha, sítio localizado na região de Santarém, no rio de Itaquí, no Oeste do Pará, na fazenda Taperinha.

3.1.1 Taperinha

O primeiro levantamento de cunho arqueológico realizado no sítio foi desenvolvido pelo geólogo Frederick Hartt, em 1870. Posteriormente, no ano de 1987, Ana Roosevelt fez escavações neste sítio, cujos trabalhos resultaram nas publicações de 1991 com o artigo “*Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon*” e em 1995 em “*Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity*” com a publicação de datações de aproximadamente 7 mil anos A. P.

Figura 42 – Foto Atual da Fazenda Taperinha.



Fonte: Fábio Barbosa (2021).

Segundo Roosevelt e colaboradores (1991), o sambaqui apresentava, originalmente, 6 hectares e espessura de 6,5 metros (Figura 9). A vegetação em seu entorno é caracterizada como de Terra Firme (ROOSEVELT, 1995). Foram resgatados pela equipe para análises materiais



cerâmicos (Figura 12), segundo Roosevelt, as cerâmicas eram avermelhadas com tempero de saibro. Descritas como cuias abertas, de base arredondada e bordas cônicas, arredondadas ou quadradas e cerca de 3% apresentaram incisões curvilíneas e retilíneas nas bordas. Sendo denominado de **fase Taperinha** (ROOSEVELT, 1995).

Figura 43 – Sambaqui de Taperinha.



Fonte: Roosevelt et al. (1991).

Figura 45 – Foto com evidência apenas as conchas.



Fonte: Fábio Barbosa (2021).

Figura 44 – Foto das conchas que estão em evidência em cima do Sambaqui.



Fonte: Fábio Barbosa (2021).

A fauna encontrada no sítio foi predominantemente de mexilhões de água doce, gastrópodes – *Castalia Ambigua*, *Prisodon syrmatorphorus*, *Triplodon corrugatus*



(ROOSEVELT, 1991), gastrópodes, tartarugas e peixes (em sua maioria bagres)
(ROOSEVELT, 1991).

Figura 46 – Fragmentos cerâmicos coletados por Frederick Hartt (1870), e atualmente na reserva técnica do Museu Paraense Emilio Goeldi.



Fonte: Pugliese (2018).

Apesar da presença de estudos sistemáticos neste sítio, ainda podemos afirmar que Taperinha tem poucos dados arqueológicos publicados, tendo em vista o tamanho de sua importância para a região Amazônica, dos povos que habitavam no passado e que construíram esse sambaqui. Sendo que os estudos zooarqueológicos deste sambaqui seriam de suma importância para entender melhor como esses grupos relacionavam-se com o seu meio, sua dieta e a forma em que esse grupo estava vivendo, dado o tamanho de sua importância para o povoamento nas Américas.



Figura 47 – Conchas encontradas no sítio sambaqui de Taperinha, Região de Santarém.

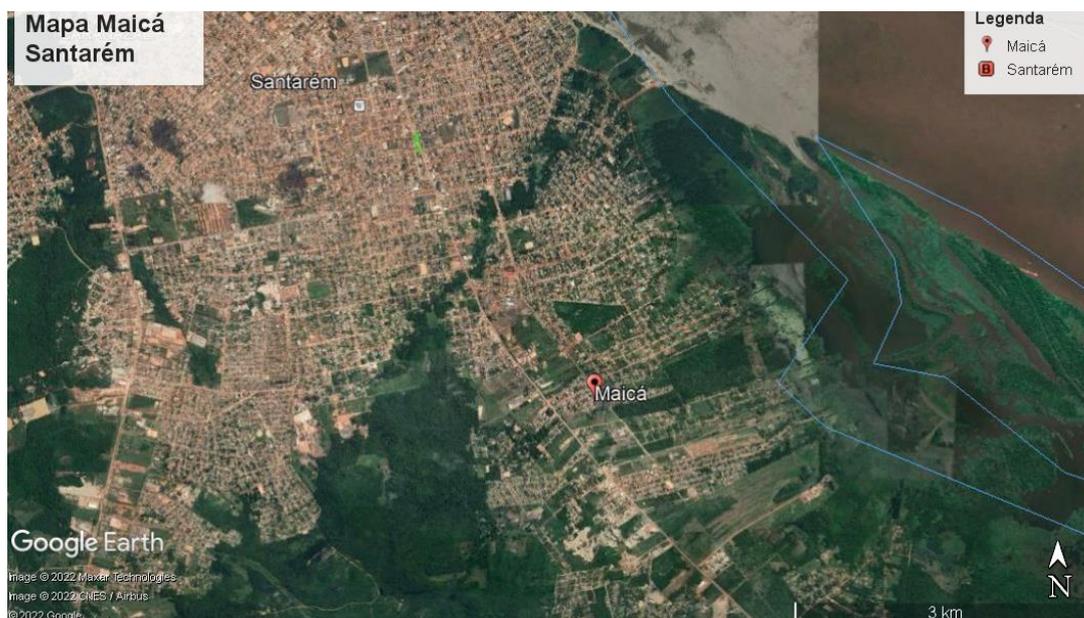


Fonte: Peabody museum

3.1.2 Maicá

Maicá é um bairro localizado na área leste da cidade de Santarém, tendo seu acesso tanto por via fluvial, quanto por via terrestre (Bentes e Silva, 2014). A área rural da cidade, que também é chamada de campo, possui uma vida mais simples com rios, vegetação nativa, atividades extrativas e agropecuárias, sendo, muitas vezes, a fonte de renda das famílias com a venda de seus produtos na cidade (Silva e colaboradores, 2017, p. 1).

Figura 48 – Mapa do Bairro do Maicá em relação a Santarém.



Fonte: Google Earth.



No levantamento dos estudos históricos e etnográficos para o levantamento de pesquisa sobre os sambaquis, encontrou-se relatos na obra de Frederick Hartt, em 1885, que havia um sambaqui nessa região de Santarém (Fig. 14 e 15), no bairro de Maicá. Conforme Frederick Hartt (1885, p. 6): *“O Sr. Rhome me informou que existem outros sambaquis na vizinhança de Santarém, sendo um delles situado nas margens do Maicá ou Uaiá, cerca de 15 milhas a oeste do engenho”*.

A partir dessa citação busquei encontrar mais informações na bibliografia sobre o sítio, porém, infelizmente, não encontrei mais detalhes relacionados. Desse modo, através de conversas com pesquisadores da Universidade Federal do Oeste do Pará, descobrimos que atualmente há um projeto denominado **“Interseções de conhecimentos etnográficos e arqueológicos em contextos do Baixo Amazonas: o caso do território do Aiaiá em Santarém, Pará”** que tem como responsáveis a professora Eliane Cantarino O’Dwyer (UFF/UFPA), e a Anne Rapp Py-Daniel (UFOPA) e Claide de Paula Moraes (UFOPA) (responsáveis pelas pesquisas arqueológicas). Estes fizeram visita no sambaqui de Maicá e cederam imagens para esta pesquisa e as coordenadas atualizadas do Sambaqui 2°34'42.60"S 54°21'59.50"O.

Figura 49 – Foto do sambaqui de Maicá.

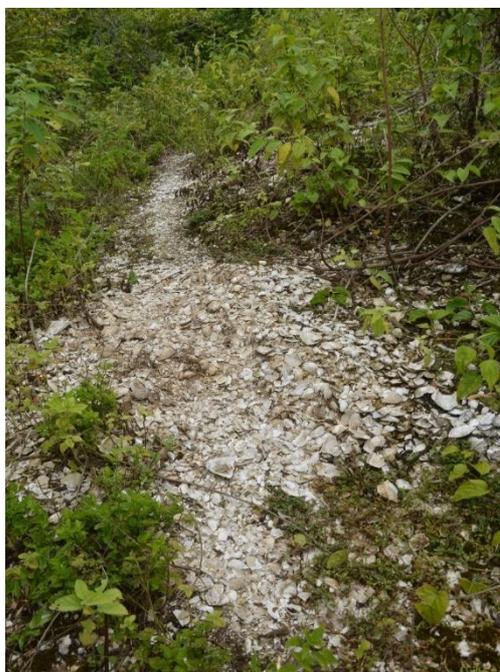


Foto: Anne Rapp Py-Daniel (2017).



Figura 50 – Foto com a apresentação de conchas presentes no sambaqui.



Foto: Anne Rapp Py-Daniel (2017).

Apesar de não sabermos muitas informações sobre esse sambaqui, nota-se, através das fotos, que ele possui uma grande extensão, há uma predominância de conchas de bivalves no sítio em uma matriz bem solta, com a presença de floresta rasteira, mostrando a importância de pesquisas sistemáticas nesse sítio.

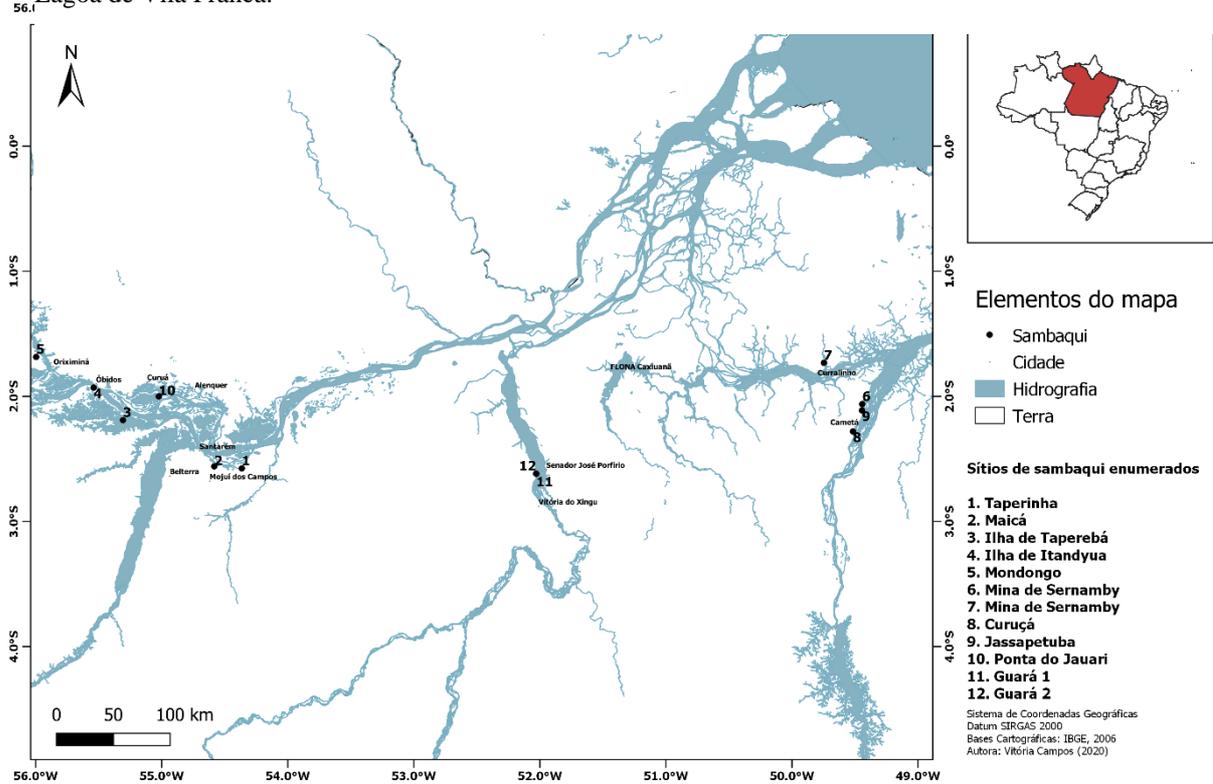
3.1.3 Ilha de Itandyua, Mondongo, Ilha do Taperebá e Lagoa de Vila Franca.

Os únicos registros sobre esses sambaquis foram resgatados a partir de citações do trabalho de Frederick Hart (1885):

Consta também que existem em uma ou mais localidades, mais a oeste, na lagoa de Villa Franca, e o Sr. Derby foi informado pelo Dr. Mattos, em Óbidos, que ha um grande sambaqui n'uma ilha fronteira áquella cidade, chamada Itandyua, e que a cal empregada na construcção do forte de Óbidos provinha de um sambaqui situado no logar chamado Mondongo, no lado Occidental do rio Trombetas. Baena (1) falia de conchas fosseis perto da foz do Tocantins, e é provável que estas sejam de um sambaqui (p. 6).



Figura 16 – Localização aproximada dos sítios sambaquis: Ilha de Itandyua, Mondongo, Ilha do Taperebá e Lagoa de Vila Franca.



Através da localização aproximada dos sítios Ilha de Itandyua, Mondongo, Ilha do Taperebá e Lagoa de Vila Franca, conseguimos visualizar a região onde se encontram e como espacialmente estão em relação a outros sítios sambaquis fluviais encontrados na região. Além disso, não foi possível ter mais informações como fotos, coordenadas específicas, apenas aproximadas sobre estes sambaquis.

3.1.4 Porto de Moz

Porto de Moz está localizada na foz do rio Xingu, apresentando um clima quente e úmido como típico da região Norte. A cidade tem origem indígena chamada de PORTO DE MÓS (Porto de Pedra) pelos índios MONTURÚS.



Figura 17 – Cidade de Porto de Moz.



Fonte: Google Earth.

Figura 51 – Foto da cidade de Porto de Moz.



Fonte: LEA da cidade.

Segundo relatos de pescadores que entraram em contato com pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, existe um sambaqui nessa área. No entanto, ainda não houve oportunidade de visitas científicas, nem estudos sistemáticos, bem como não temos relatos históricos sobre o sítio. Atualmente, iniciou-se o primeiro estudo sistemático deste sambaqui localizado na região de Porto de Moz, pelo projeto intitulado “Sambaquis fluviais da Amazônia: em busca das ocupações do Holoceno Médio e Final”, com coordenação de Gabriela Prestes Carneiro (UFOPA), que cedeu algumas fotos para essa pesquisa.



A partir das imagens cedidas pelo projeto, conseguimos observar que o sítio está em um estado de deterioração natural, por causa do fenômeno amazônico de enchentes sazonais, e com isso há uma perda de informações. Posteriormente, conseguimos observar que há uma grande quantidade de materiais expostos, como vestígios faunísticos e presença de enterramentos. O sítio mostra que tem uma grande extensão, e, de forma semelhante aos outros, muito material osteológico e presença de conchas de bivalves como principal material construtivo. Ainda não podemos falar muito sobre ele, mas brevemente poderemos ter mais informações.



Figura 52 – Fotos do Sambaqui de Porto de Moz.

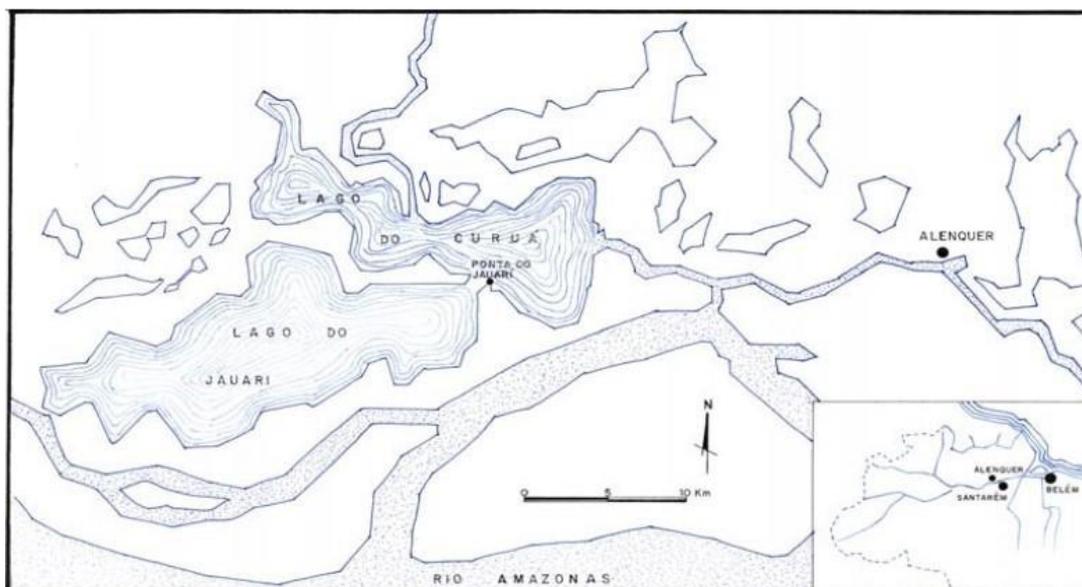




3.1.5 Ponta do Jauari

O sambaqui Ponta do Jauari (PA-OB-01), está localizado na região de Alenquer, no Lago Grande do Curuá, em área de Várzea. Pesquisadores que escreveram sobre esse sítio foram: Frei Protásio Friel (1938 -1939); Hilbert (1959); Nimuendajú (1987), D'Aquino (2001) e Campos (2019).

Figura 53 – Mapa D'Aquino, com a localização do sítio Ponta do Jauari.



Fonte: D'Aquino (2001).

Igualmente aos outros sambaquis de áreas fluviais citados acima, o Ponta do Jauari fica submerso em alguns períodos do ano. A primeira pessoa a caracterizar esse sítio arqueológico e inclusive fazer algumas coletas de superfície foi o Frei Protásio Friel (1938-1939). Hilbert, posteriormente em 1959, estudou sistematicamente esses materiais, “Apesar de se tratar exclusivamente de achados de superfície e de material pouco numeroso, sua análise mostra certas conexões culturais de importância para a caracterização arqueológica dessa área” (HILBERT, 1959, p. 1).

Como citado por Hilbert, através desses materiais foi possível entender melhor a caracterização da área desse sambaqui. Abaixo, mostro um pouco a diversidade dos materiais encontrados no sítio.



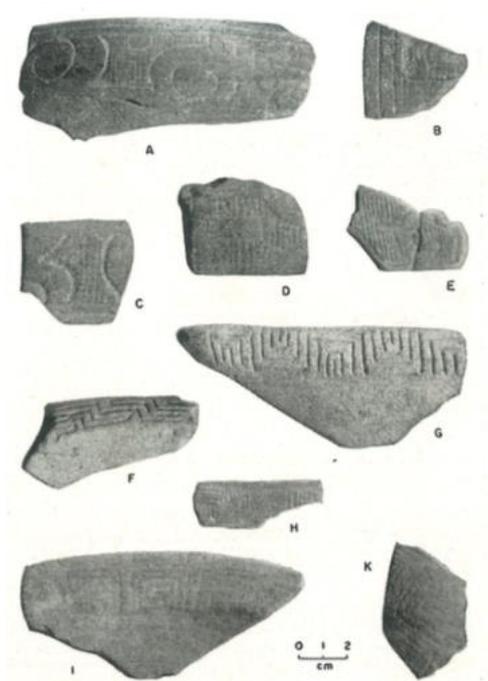
Tabela 6. Materiais coletados no sítio arqueológico Ponta do Jauari.

Material	Quantidade
Cerâmicas	175
Adornos	2
Cachimbos	26
Líticos	Mais de 100 artefatos

Fonte: Autoria própria (2022).

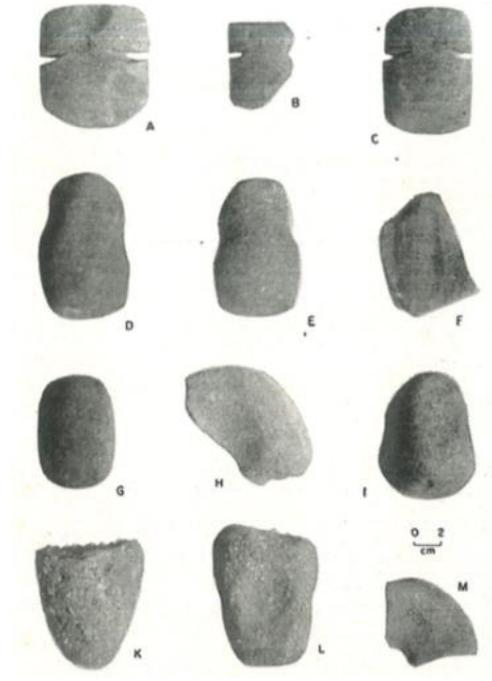
Como mostra a Tabela 5, o sítio Ponta do Jauari apresenta uma diversidade de materiais arqueológicos, tanto cerâmicas, quanto artefatos líticos (Figuras 21 e 22). Hilbert (1958), relata que as peças de cerâmica apresentam antiplásticos diferentes: 85% das cerâmicas apresentam cauxi, 10%, concha moída com cauxi e 5% dessas cerâmicas, apenas concha moída. Para Hilbert, cada tipo de antiplástico corresponderia a uma distinta fase de ocupação do sítio.

Figura 55 – Imagem de algumas cerâmicas da coleção Protásio Friel.



Fonte: Hilbert (1958).

Figura 54 – Imagem de alguns líticos da coleção Protásio Friel.



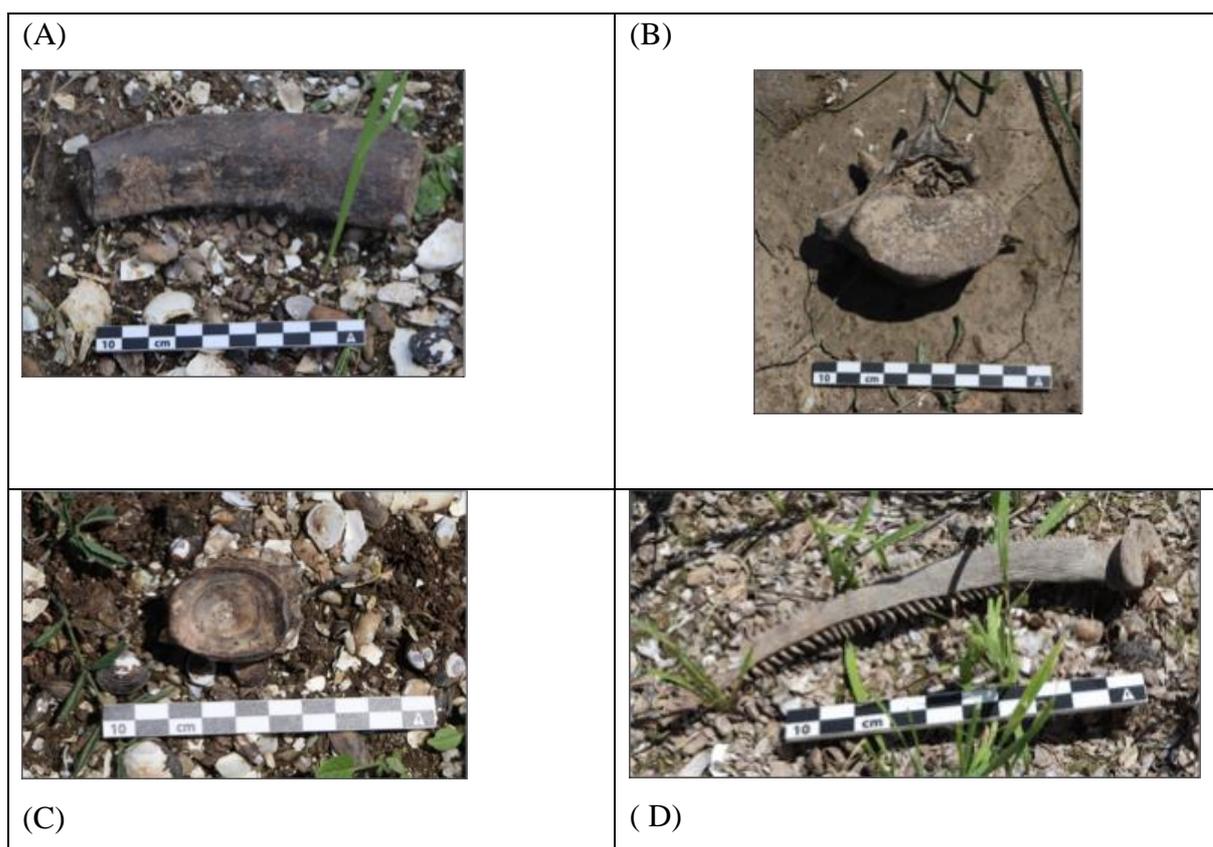
Fonte: Hilbert (1958).



Nos dados publicados em Hilbert (1958) não constam informações sobre a fauna presente nesse sambaqui. Porém, Vitória Campos (2019) revisitou o acervo zooarqueológico desse sítio e realizou uma nova coleta de superfície de materiais faunísticos, cerâmicos e líticos. A fauna malacológica identificada por Campos (2019) inclui bivalves da família Mycetopodidae, do gênero *Anodontites*.

Em superfície, Campos (2019) também observou vestígios de mamíferos marinhos e peixes de grande porte. Campos apresenta dados demonstrando que esse sambaqui ainda está parcialmente preservado, pois parte dele está abaixo da água. Logo, futuras pesquisas sistemáticas neste sítio poderão trazer respostas para compreender melhor os antigos grupos que habitaram o Baixo Amazonas.

Figura 56 – Fauna encontrada em prospecção no sítio Ponta do Jauari (A) Costela de mamífero aquático (B) Vértebra de mamífero aquático, (C) Vertebra de pirarucu fragmentada e (D) Nadadeira Peitoral de Siluriforme.



Fonte: Campos (2019).



3.2 Sambaquis do Baixo Xingu

3.2.1 Sambaquis Guará I e Guará II

Os Sambaquis Guará I e II estão localizados no Baixo Rio Xingu⁵, e foram previamente estudados por Perota e Botelho (1994). Estes dois sítios estão em uma área da foz do Igarapé do Guará, margem esquerda do rio Iriri – Baixo Xingu, sendo que a vegetao do entorno é de floresta tropical densa – Terra Firme, com a presença de alta diversidade vegetal e animal (Perota & Botelho, 1992). Nos sítios, foi encontrada abundância de material cerâmico e restos faunísticos. As dataoes radiocarbônicas apresentadas são de 2.255 ± 55 anos BP Guará I e 550 ± 60 anos BP Guará II.

O sítio Guará I tem altura de 2,2 metros com a presença de conchas de moluscos identificados como *Castalia ambigua*. O sítio Guará II tem uma espessura menor em relao ao Guará I, com 1,35 metros, e a fauna malacológica é composta de *Castalia ambigua*, com a presença em menor quantidade de duas outras espécies que Perota e Botelho identificam como *Prisidon alatus* e *Triplodon corrugatus*. Foram também encontrados vestígios de vertebrados nas escavaoes, mas os autores não descrevem os detalhes em relao  identificao taxonmica do material e qual o estado de preservao.

Para esses sítios, foi definida a fase Guará, que tem um tempero de areia fina e grossa, com caraip, sendo predominante as conchas moídas (Perota & Botelho 1994). Foram reconstituídos alguns vasos de contornos simples, vasos de contorno composto de bordas extrovertidas, vasos de contorno composto e urnas de bordas extrovertidas (Perota & Botelho 1994). Na bibliografia não foram encontradas imagens desses sambaquis, ou dos materiais coletados, mas vale ressaltar a importância deles para o estudo da região.

3.2.2 Sítio Sambaqui Ibama e Forte

Durante investigaoes do projeto *Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã*, foram identificados dois sítios arqueológicos: Ibama e Forte⁶. No ano de 2016 e 2017, nas duas

⁵ Denominado Baixo Xingu a área que inicia entre a foz do Rio Iriri, até a foz do Rio Amazonas (Perota e Botelho, 1992).

⁶ Ambos eram originalmente os objetos de estudos dessa dissertao, conforme explicado anteriormente no capítulo 2 a pandemia da COVID-19 nos obrigou a realizar mudanças drásticas na pesquisa.

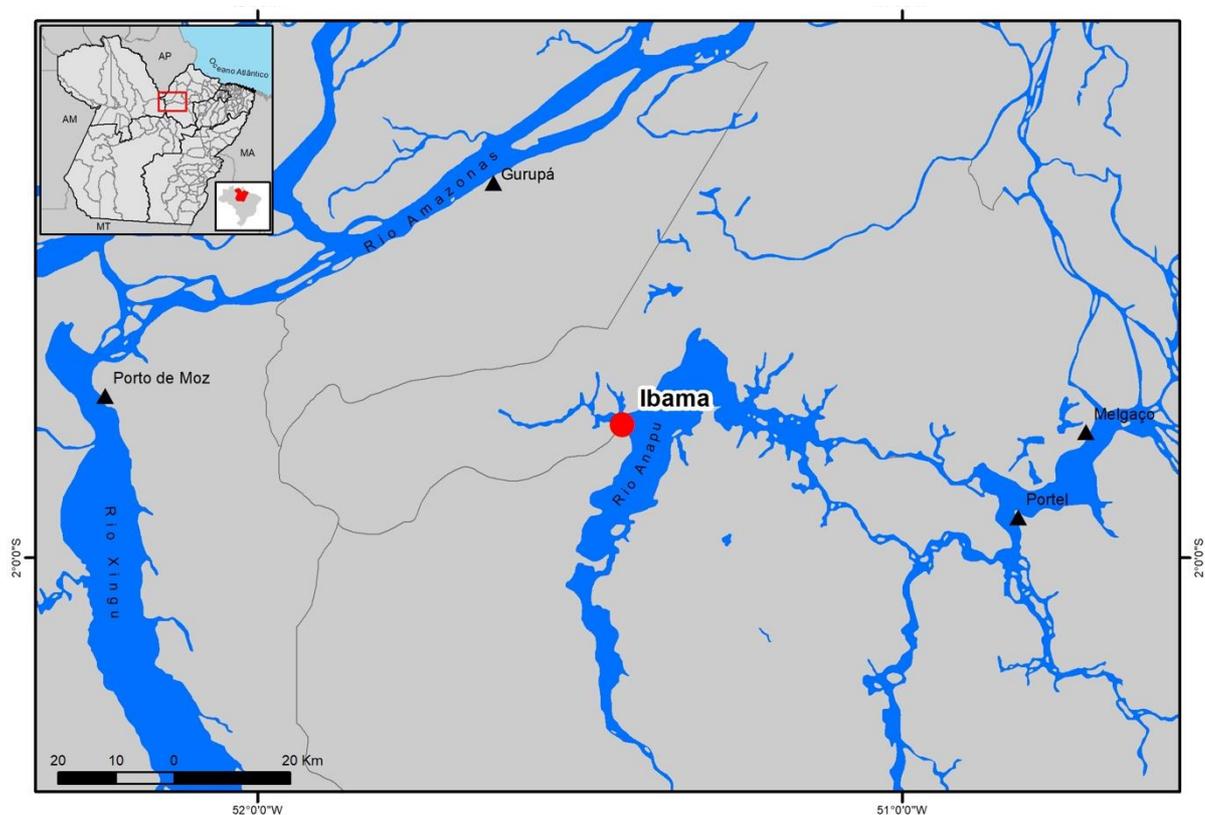


maiores campanhas do projeto, foram identificados montículos que apresentavam, em sua estratigrafia, a presença de conchas, terra preta arqueológica e vestígios botânicos e faunísticos, resultando, assim, em uma interpretação de que são de fato sambaquis.

Sítio Ibama

O sítio arqueológico Ibama (PA-GU-06), está situado à margem da baía de Caxiuanã (Rio de Terceira ordem), especificamente na cabeceira desta baía (Figura 24), e tem uma extensão de dois hectares. Há uma extensa cobertura vegetal na região e a sede do ICMBio está localizada dentro da área do sítio (Figura 25).

Figura 57 – Localização do sítio arqueológico Ibama.



Fonte: Rafael Monteiro e Ana Caroline (2020).

Intervenções arqueológicas aconteceram neste sítio no período de julho/2016 e julho/2017. Essas intervenções foram realizadas em âmbito de um sítio escola em parceria com a Coordenação do Departamento de Ciências Humanas do MPEG, a Middle Tennessee State University (MSTU) e a Seoul National University, com apoio base da ECFP (LIMA, 2018).



Figura 58 – Localização aérea da sede do ICMBio, mostrando a área do sítio Ibama



. Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

A partir desse material coletado (sedimentos e fauna), foram iniciadas as análises realizadas por Ana Fernanda Cipriano⁷ e Dayane da Silva Martins⁸, que obtiveram resultados nas áreas pedogeoquímicas. Atualmente, o projeto tem pesquisa envolvendo o material zooarqueológico com a participação de Kevin Scott MacDaniel e a autora desta dissertação.

Neste sítio, as cerâmicas identificadas foram associadas ao tipo Konduri da Tradição Inciso-Ponteadada, relacionada aos falantes de língua Caribe. A pasta dos vasilhames é composta por conchas trituradas. As datações radiocarbônicas são de 860 A. P., período do contato com os colonizadores (MARTINS, 2017).

⁷ Aluna de doutorado da Universidade Federal Rural da Amazônia,.

⁸ Bolsista de Iniciação Científica pelo MPEG-CNPq, com relatório apresentado em 2017.



Figura 60 – Imagem da área de escavada no ano de 2016 sítio Ibama.



Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

Figura 59 – Imagem do primeiro nível de escavação, evidenciando a Terra Preta do montículo no ano de 2016.



Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

Figura 61 – Imagem evidenciando o perfil com cerâmicas e camada de conchas no ano de 2016 sítio Ibama.



Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.



Figura 62 – Cerâmica encontrada no sítio Ibama.



Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

Figura 63 – Cerâmica encontrada no sítio Ibama em contexto.



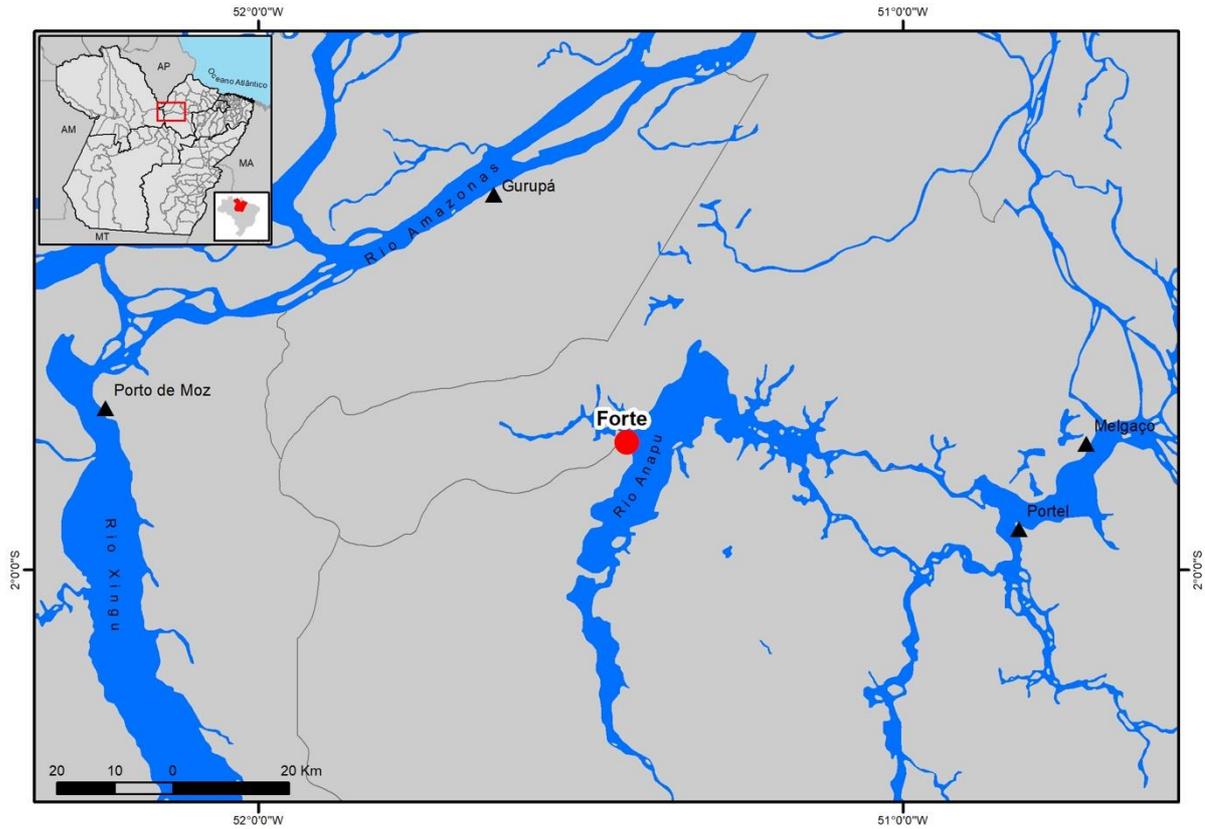
Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

Sítio Forte

O sítio arqueológico Forte (Figura 31) está situado às margens da baía de Caxiuanã, no mesmo contexto em que o Ibama, e estão distantes apenas alguns quilômetros. As datações radiocarbônicas são mais antigas que a do sítio Ibama, entre 1800 e 1900 A. P. (LIMA, 2018).



Figura 64 – Mapa localizando o sítio arqueológico Forte.



Fonte: Rafael Monteiro e Ana Caroline, 2020.

Os materiais que foram encontrados nesse sítio foram cerâmicos, faunísticos e botânicos, e foram recolhidas amostras de Terra Preta Antrópica/Índio (TPA), para análises em laboratório. Um dos vestígios que é de suma importância citar são as cerâmicas, que no sítio Forte foram classificadas como pertencentes à tradição Borda Incisa, ou seja, do período pré-colonial tardio, que estão de acordo com as datações apresentadas (1800 – 1900 antes do presente).



Figura 65 – Algumas cerâmicas encontradas no Sítio Forte.



Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

Figura 66 – Cerâmicas encontradas no Sítio Forte.



Fonte: Arquivos do Projeto Pesquisas Arqueológicas na Flona de Caxiuanã.

Como delineado acima, os estudos arqueológicos nos sambaquis Ibama e Forte são recentes, mas as análises desses sítios são de suma importância para compreender as transformações que as pessoas estavam fazendo na paisagem e como essas populações viviam, como tratavam a natureza, a sua alimentação, seus rituais de subsistência, como pesca e caça, sistemas de trocas e finalmente como a Amazônia do passado estava sendo manejada nesta região.



3.3 Sambaquis Rio Tocantins

Para esses três sambaquis: Curuçá, Jassapetuba e Mina de Sernamby, encontramos pouquíssimas informações. Eles foram georreferenciados no mapa, através dos dados disponibilizados pelo pesquisador Ferreira Penna (1876). Dessa forma conseguimos chegar aos pontos aproximados indicados na Tabela 6. Nos relatos de Ferreira Penna os sítios são descritos como já estando muito destruídos por causa da exploração de cal na época.

Tabela 7. Dados dos Sambaquis do Rio Tocantins.

Curuçá	Ponto Aproximado -2°18'3.600", - 2°18'3.600"	Não há ainda datações	destruídos por causa da exploração de cal na época
Jassapetuba	Ponto Aproximado -2°6'46.800", - 49°26'34.800"	Não há ainda datações	destruídos por causa da exploração de cal na época
Mina de Sernamby	Ponto Aproximado -2°3'43.200", - 49°26'31.200"	Não há ainda datações	destruídos por causa da exploração de cal na época

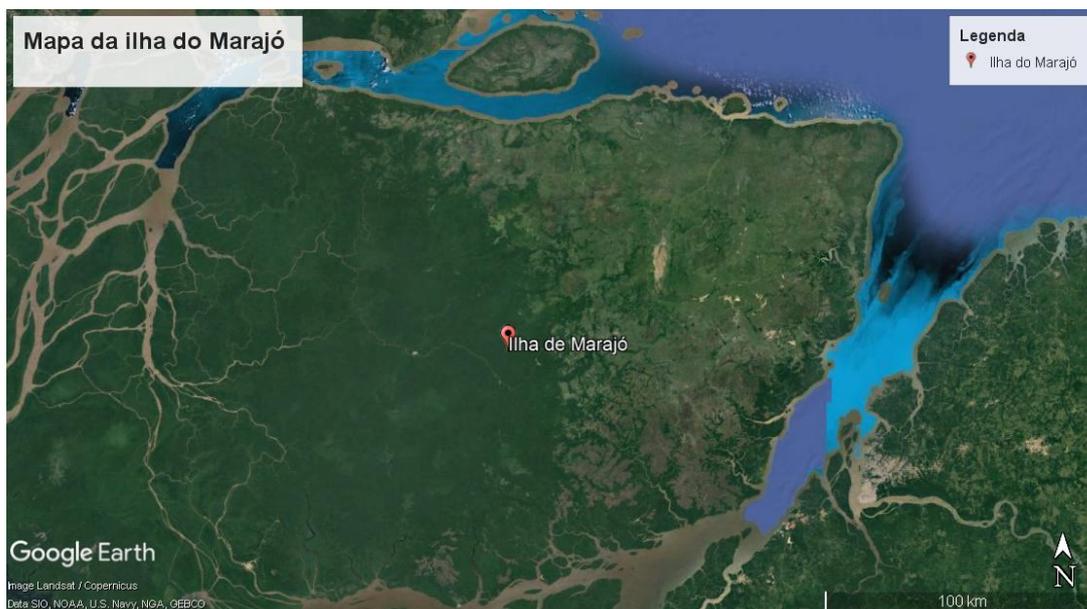
Fonte: Autoria própria (2022).

3.4 Sambaquis da Ilha do Marajó

A Ilha do Marajó está localizada na foz do Amazonas, com uma área aproximada de 40.100 Km² a sudeste da capital do Pará, Belém. Nela foram identificados 169 sítios arqueológicos (SCHAN & MARTINS, 2010).



Figura 67 – Mapa da Ilha do Marajó.



Fonte: Google Earth

Entre esses sítios encontrados e catalogados, encontram-se sítios sambaquis: Sambaqui de Jaquarequara, Sambaqui de Cacoal e o Sambaqui de Tucumã.

Tabela 8. Sambaquis na Ilha de Marajó.

Sambaquis da Ilha do Marajó		
1. Sambaqui Jaquarequara	Ilha Trambioca – Próximo a Barcarena	Não há ainda datações
2. Sambaqui Cacoal	Comunidade São Sebastião-Melgaço	Não há ainda datações
3. Sambaqui do Tucumã	1°47'58.79"S - 50°42'58.72"O	4.425-4.245 cal. ano A.B
4. Galiléia	Igarapé Pimental- Bagre	Não há ainda datações

Fonte: Autoria própria (2022).

3.4.1 Sambaqui do Tucumã

Este sambaqui está relatado no livro “Muito além dos campos – Arqueologia e história na Amazônia Marajoara” de Denise Pahl Schaan e Cristiane (2010), e foi pesquisado posteriormente por Hilbert (2017). Esse sítio é multicomponencial e com um componente provavelmente muito antigo, tendo bases para essa afirmativa os materiais coletados em escavação (Hilbert, 2017; Schann, 2010). Está localizado em Breves, em um bairro rural de Melgaço chamado Tucumã (Hilbert, 2017).



Até o ano de 2009 este sítio já havia sido parcialmente destruído por empreendimentos. Antes da sua destruição total, houve um salvamento arqueológico em 2012, realizado pela empresa Inside Consultoria Arqueológica. Foram escavados 6,19 m³ do sítio, que produziram grande quantidade de material arqueológico (conchas, material cerâmico, material faunístico, entre outros). As escavações revelaram a ocorrência de pelo menos três camadas culturais distintas, que podem indicar três diferentes ocupações ao longo do tempo.

Figura 68 – Perfil da escavação do sítio arqueológico Tucumã em 2012.



Fonte: Cedida por Hilbert.

Figura 69 - Escavação do sítio arqueológico Tucumã em 2015.



Fonte: Cedida por Hilbert.

3.5 Litoral do Salgado

Aproximando-se mais para a costa do Pará, foi mapeado um complexo de sambaquis na região do Salgado. Os sítios foram primeiramente reconhecidos pelos viajantes e naturalistas e



depois estudados sistematicamente por autores como Simões e Corrêa (1981), Denise Schann (2010) e Paulo Canto (2016).

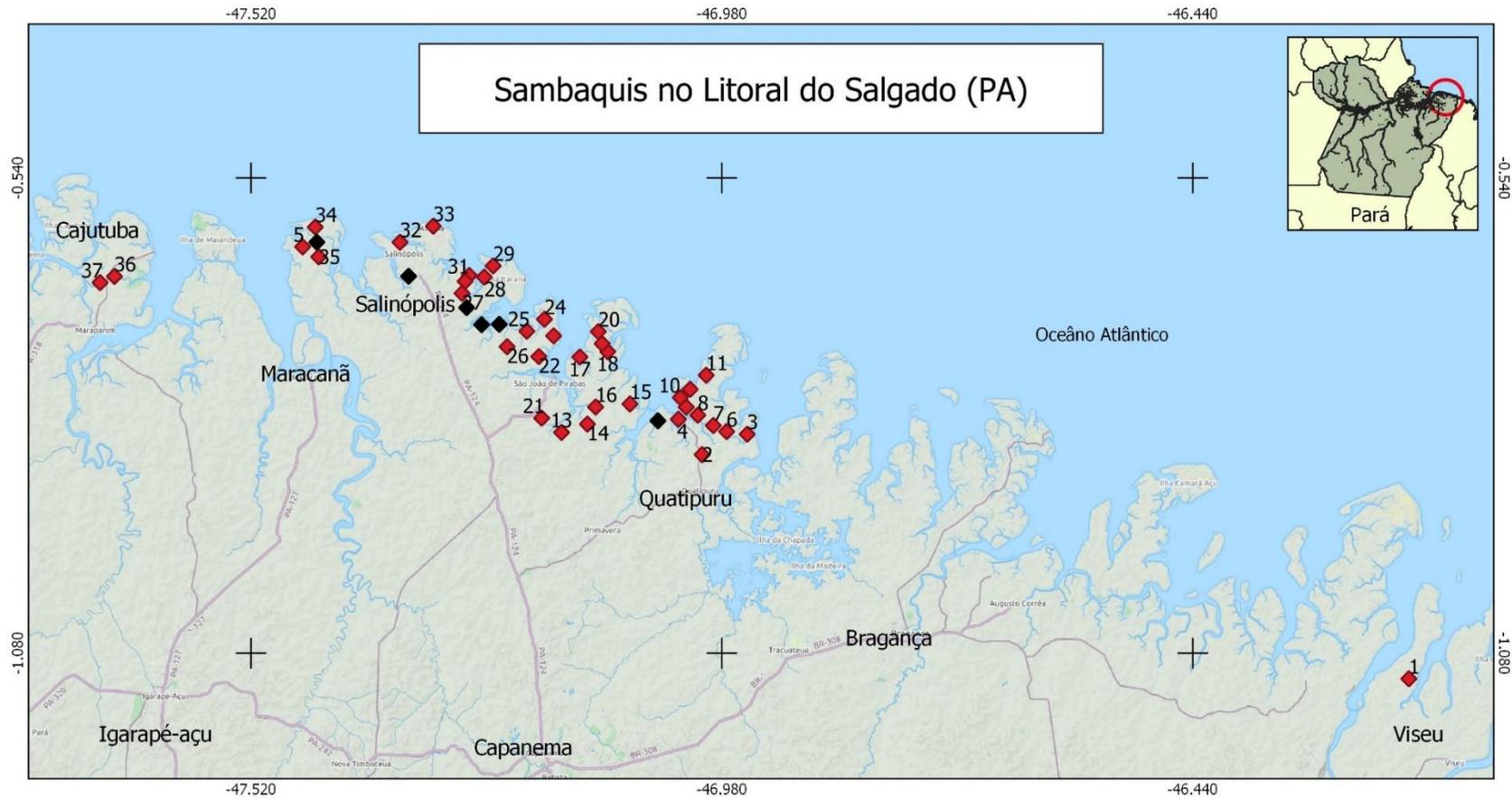
Os primeiros trabalhos sistemáticos foram realizados na década de 1960 por pesquisadores do MPEG (Projeto Salgado), coordenado por Simões e Corrêa. Foram identificados 62 sítios arqueológicos, sendo 43 sambaquis litorâneos, 3 fluviais e 16 sítios associados a grupos ceramistas (Simões, 1981; Silveira et al., 2011; Canto, 2016). O sítio conchífero mais conhecido e estudado da região é o sambaqui Porto da Mina (Imazio da Silveira, et al., 2011; Lopes et al., 2018), cujas datações remontam há pelo menos 2.900 anos A. P.

A cerâmica associada aos sambaquis litorâneos é denominada como Tradição Mina. Os sambaquis fluviais também foram ocupados por populações ceramistas, sendo as cerâmicas associadas à Fase Uruá (da Tradição Mina). Tradição Mina foi considerada por Simões, para assentamentos com os padrões de assentamentos estuarinos, como a presença de cerâmicas com semelhanças em sua manufatura, exploração de conchas e moluscos para subsistência entre outras relações sociais.

A fase Uruá é identificada como uma das mais antigas da Tradição Mina que apresenta uma subsistência baseada na caça e na coleta de moluscos, além de ter antiplástico elaborado a partir de concha moída (Simões, 1970; 1971b; Canto, 2016). Esta fase é uma das mais recuadas presentes na região para este tipo de assentamento, sendo importante citar que é uma das mais antigas das Américas (Simões, 1981b; Canto, 2016).



Mapa 2 – Mapa com a localização de sítios sambaquis do complexo Salgado.



- ◆ Sambaquis não identificados
 - ◆ Sambaquis identificados
- | | | | | |
|----------------------------|----------------------------|----------------------------------|------------------------------|------------------------|
| 1- Sambaqui do Itacupim | 10- Sambaqui da Sumamúma | 19- Sambaqui do Espinho II | 28- Sambaqui Cocal de Fora | 37- Sambaqui do Breu |
| 2- Sambaqui Porto de Mina | 11- Sambaqui do Arroz | 20- Sambaqui da Coroa Nova | 29- Sambaqui de Itarana | 38- Sambaqui do Camará |
| 3- Sambaqui Ponta de Pedra | 12- Sambaqui do Fausto | 21- Sambaqui São João de Pirabas | 30- Sambaqui Cocal de Dentro | |
| 4- Sambaqui do Castelo | 13- Sambaqui do Guaximim | 22- Sambaqui do Viana | 31- Sambaqui São Sebastião | |
| 5- Sambaqui Arapiranga | 14- Sambaqui do Tijolo | 23- Sambaqui Ilha de Fortaleza | 32- Sambaqui do Itapéu | |
| 6- Sambaqui das Cotias | 15- Sambaqui Bambá | 24- Sambaqui do Taperebá | 33- Sambaqui de Cuiarana | |
| 7- Sambaqui do Bule | 16- Sambaqui do Furinho | 25- Sambaqui de Caratateua | 34- Sambaqui do Marco | |
| 8- Sambaqui do Marinheiro | 17- Sambaqui da Sumaumeira | 26- Sambaqui de Inajá | 35- Sambaqui do Ostral | |
| 9- Sambaqui do Cocal | 18- Sambaqui do Espinho I | 27- Sambaqui do Portinho | 36- Sambaqui do Penha | |

N

0 10 20 km

Base de dados: IBGE; IPHAN; SIMÕES, 1981; ESRI National Geographic Basemap.
 Datum: SIRGAS 2000.
 Elaboração: GONZAGA, F.2021.



Abaixo, incluo a descrição de cada sítio a partir das descrições feitas por Simões em suas fichas do Projeto Salgado em 1968-69.

3.5.1 Sambaqui do Camará (PA-SA-2)

Este sambaqui está localizado na fazenda Camará, no Rio Camará, município de Marapanim, o proprietário na época da pesquisa chamava-se Álvaro Proença de Arruda. A área do sítio era de aproximadamente 50x30 m, o solo foi caracterizado como arenoso-argiloso escuro, eram presentes fragmentos de conchas e cacos. O sítio já estava totalmente destruído.

3.5.2 Sambaqui Porto de Mina (PA-SA-05)

Este sítio está localizado a 8km da vila de Quatipuru, é rodeado por um mangal e banhado pelo igarapé da mina, que na maré alta cerca o sambaqui. Foram encontrados fragmentos de cerâmica, alguns líticos, ossos de animais, conchas de moluscos, pinças de crustáceos, carvão, sepultamentos e seixos lascados de lateritas. Este sambaqui já estava semidestruído, na época da visita da pesquisa. No referido período, estava servindo para porto de embarque na maré alta, na vila de Boa Vista. Foram feitos dois cortes estratigráficos, sendo que no corte 1 foi identificado um enterramento.

3.5.3 Sambaqui Ponta de Pedra (PA-SA-06)

Este sambaqui está localizado à margem esquerda do rio Quatipuru, a cerca de 15km da vila Quatipuru, já na baía Quatipuru. Foram encontrados fragmentos de cerâmicas, ossos de animais, alguns líticos, conchas de moluscos, fragmentos de lateritas, carvão e dois sepultamentos. O lugar vem sendo ocupado há mais de 20 anos por uma fazenda de gado, tendo cultivo de fruteiras. O solo tem características arenoso escuro com a presença de conchas.

3.5.4 Sambaqui S. João de Pirabas (PA-SA-07)



Este sítio está localizado próximo à foz do rio Axindeua e paralelo ao rio Pirabas, o solo tem características areno argiloso escuro com fragmentos de cerâmica, conchas e moluscos e está sendo ocupado pelo povoado São João de Pirabas.

3.5.5 Sambaqui do Viana (PA-SA-08)

Localizado à margem esquerda do rio Axindeua, próximo a sua foz no rio Pirabas. Está sobre um platô de aproximadamente 10m de Altura em relação ao nível do mangal. Cacos, conchas e moluscos, o solo presente é escuro. Destruição total desde 1870, e restando apenas resíduos das peneiradas da pesquisa.

3.5.6 Sambaqui do Furinho (PA-SA-09)

Solo aos arredores: Arenoso e Mangue. Localizado no interior da Ilha do pesqueirão, distando do porto do mangal cerca de 2km, restando apenas alguns montículos residuais, cercado por mangal. Solo arenoso escuro com ossos, conchas de moluscos e cerâmica. Destruído, restando apenas resíduos de peneira.

3.5.7 Sambaqui Ilha da Fortaleza (PA-SA-10)

Situado na Ilha de Fortaleza na Baía de Pirabas – Salinópolis, próximo a uma lagoa, distante 2km da sede da fazenda. Fica numa elevação próxima à lagoa, restando apenas resíduos das peneiradas. Cacos, conchas e moluscos. Destruído há vários anos, rodeado por mangal.

3.5.8 Sambaqui Guaximim (PA-SA-11)

Localizado em um mangal à margem direita do igarapé do Porto, através da mata, 25 minutos, numa elevação com 8,20m em relação ao mangue. Cacos temperados com conchas moídas e conchas fragmentadas. Destruído há anos, apenas alguns vestígios de cacos e vestígios remanescentes da antiga exploração.



3.5.9 Sambaqui do Tijolo (PA-SA-12)

No interior da Ilha do Tijolo, cercado por mangue, com vegetação ativa excetuando-se a parte sul que liga a zona de campo com pequenas dunas. Dista de S. João de Pirabas 30 minutos de motor de polpa. Fragmentos de cerâmica e conchas fragmentadas de moluscos. Destruído há cerca de 100 anos, restando alguns montículos com resíduos das peneiradas. O solo do sambaqui está acima do mangal 3,30m na parte mais alta. Foi apenas realizado coleta de superfície.

3.5.10 Sambaqui Coroa Nova (PA-SA-13)

Situado a 700m da margem direita do igarapé da Mina. Cercado de mangal com exceção de uma faixa de campo e mata entre o mangal. Fragmentos de cerâmica (raros), conchas e fragmentadas. Tinha grandes dimensões ainda no tempo da visita de Ferreira Penna, embora sendo explorado. A base é arenosa (coroa) com cerca de 2m acima do nível do mangal.

3.5.11 Sambaqui Sumaumeira (PA-SA-14)

Situado a Oeste do Sambaqui do Furinho, cerca de 500m na Ilha do Pesqueirão. Cercado por mangal, exceto uma lombada de terra a leste que se prolonga até o Sambaqui do Furinho. Fragmentos de cerâmica e conchas e fragmentadas. Praticamente esgotado, com superfície muito irregular pelos montículos das peneiradas. Altura em relação ao nível do mangue: 1,50m.

3.5.12 Sambaqui Caratateua (PA-SA-16)

Situado na Ilha de Caratateua à margem do furo do hilário. Rodeado por mangal, exceto o trecho que liga a margem do furo. Alguns cacos de cerâmica, conchas e moluscos fragmentados. Formato circular com aproximadamente 50m de diâmetro, sua base é areno argiloso, está a 1,50m acima do nível do mangal.

3.5.13 Sambaqui Uruá (PA-SA-23)



Sítio localizado em terrenos de terra firme do médio Quatipuru, em sua margem esquerda. Distante 1,5km da Fazenda Stº André. Fragmentos de cerâmica, laterita, ossos de animais, ossos humanos, algumas conchas de Peleoyoda e grande quantidade de gastrópodes fluviais. Está localizado na lombada alta de terra firme, inclinado suavemente até a zona de campos inundáveis no “inverno”.

3.5.14 Sambaqui Urucuri (PA-SA-24)

Está a nordeste do PA-SA-23, cerca de 75m. Situação topográfica idêntica, embora com maior dimensão na altura. Fragmentos de cerâmicas, laterita, ossos e conchas, principalmente gastrópodes. Dista da zona de campo cerca de 300m no rumo sul. Ocupando em relação a este uma altura aproximadamente de 15m. 1 Corte estratigráfico.

3.5.15 Sambaqui Coroatá (PA-SA-25)

Localizado na Fazenda São Raimundo – Campos do Careca, município de Primavera, com área de 32x15m e altura: 2,00m. A vegetação presente é arbustiva, o solo presente é arenoso escuro. O sítio ocupa a parte alta da lombada que separa duas zonas de campo, com a mesma topografia dos sítios 23 e 24. Fragmentos de cerâmica, laterita, algumas conchas de Pelecypodas e grande quantidade de conchas gastrópodes, fragmentos de ossos. No sítio há um campo de recreio da escola da fazenda, sendo a periferia deste.

3.5.16 Sambaqui do marinho (PA-SA-29)

Localizado próximo à sede da fazenda de arroz, já destruído, rodeado de mangal e trechos de campo, numa ilha da mata. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos. Coleta de superfície realizada peneirando as pequenas elevações.

3.5.17 Sambaqui Cocal (PA-SA-30)



Localizado cerca de 300m do PA-SA-29. Bastante destruído, restando apenas um montículo. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos, fragmentos de laterita, ossos e pinças de caranguejo. Na parte Sul tem restos de uma antiga Caieira, a camada úmida preta tem cerca de 10cm. 1 corte estratigráfico.

3.5.18 Sambaqui do Arroz (PA-SA-31)

Situado cerca de 2km no rumo norte da fazenda. Totalmente destruído. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos. Na parte sul do campo nota-se vestígios de uma antiga residência, feita coleta de superfície.

3.5.19 Sambaqui da Sumaúma (PA-SA-32)

Localizado à beira de um mangal próximo ao igarapé do arroz, distante 10 min a pé, ao rumo sul da sede da fazenda. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos, fragmentos de vertebrados de peixe e ossos. O mangue em redor (flanco oeste-sudeste), recebe as influências da maré. Nos demais flancos Terra Firme (campos inundáveis no inverno). 2 cortes estratigráficos.

3.5.20 Sambaqui do Bule (PA-SA-33)

Localizado à beira do mangal ocupando um teso que forma a Ilha do Bule. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos. Os resíduos do antigo sambaqui localizam-se na parte da “ilha”. Feita coleta de superfície por meio de peneirada nos resíduos.

3.5.21 Sambaqui do Fausto (PA-SA-34)

Localizado na Ilha do Fausto, distante da sede da fazenda cerca de 1km no rumo norte. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos. Coleta de superfície feita através de peneiradas dos resíduos. O sambaqui ocupa a extremidade norte de um teso que forma a ilha, junto ao mangal.



3.5.22 Sambaqui do Castelo (PA-SA-35)

Localizado na Ponta do Castelo em Boa Vista na parte situada em frente à ilha do encarnado. Localizado à beira de um mangal. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos. Coleta de superfície feita através de peneiradas, informações de outro já destruído e carregado pelas marés, próximo a este bem na ponta da fronteira da Ilha do Encarnado.

3.5.23 Sambaqui Cotias (PA-SA-37)

Localizado na Ilha de Cotias, cerca de 15 minutos de motor de 12 HP, Saindo do Porto de Mina. Cercado de mangal, em uma elevação. Fragmentos de cerâmica conchas de moluscos. Material coletado de superfície por peneiradas dos montículos remanescentes.

3.5.24 Sambaqui Arapiranga (PA-SA-38)

Localizado numa ilha à margem esquerda do Rio Arapiranga, o qual deságua na Ilha Boa Vista. Do Porto da Ilha, o caminho do Sambaqui é feito através de uma picada de 800m. Foram observados, na superfície, fragmentos de cerâmica, conchas de moluscos e ossos. A pesquisa foi impedida, pois os herdeiros não permitiram a escavação, portanto foi realizada apenas coleta de superfície.

3.6 Litoral do Maranhão

No Maranhão encontram-se sambaquis de extrema importância para a arqueologia, tanto em contextos fluviais quanto litorâneos. Segundo Canto (2016), estão em contextos ambientais semelhantes ao do Pará e também associados às cerâmicas da fase Mina.

Tabela 9. Sambaquis do estado do Maranhão

Nome do Sambaqui	Localização
Maiobinha (MA-SL-4)	São Luiz



Pindaí (MA- SL- 5)	São Luiz/ São José de Ribamar
Iguaíba (MA-SL-8)	Paço Lumiar
Tendal (MA- SL-9)	Paço Lumiar
Marval (MA-SL-10)	Paço Lumiar
Pau Deitado (MA- SL-11)	São Luiz/ São José de Ribamar
Boa Viagem (MA-SL-6)	São Luiz/ São José de Ribamar
Jaquarema (MA-SL-7)	São Luiz/ São José de Ribamar
Rosane	São Luiz
Quebra Potes	São Luiz
Bacanga (MA 00108)	São Luiz
Anajatuba	-
Panaquatira (MA 00113)	São Luiz/ São José de Ribamar

Fonte: Bandeira (2008) e IPHAN.

De acordo com Bandeira (2008), a fauna malacológica dos sítios é composta principalmente pelas espécies *Anomalocardia flexuosa*, *Crassostrea arborea*, *Turbinella laevigata*, *Thais* sp. e *Chione pectorina*. O sambaqui fluvial Bacanga, que foi estudado primeiramente por Simões em 1975, e posteriormente por Bandeira (2008, 2016, 2012), está localizado nos limites do parque estadual Bacanga, associado ao rio de mesmo nome e à Baía de São Marcos, em uma região de estuário e vegetação de mangue. O sítio apresenta uma extensão de aproximadamente 683 metros quadrados (BANDEIRA, 2008, 2012). As datações apresentadas por Bandeira, mostram que esse concheiro foi ocupado por muito tempo, desde 6.600 A. P. até 900 A. P.

A fauna encontrada no sambaqui Bacanga é muito diversa, composta por bagres, baiacus, tubarões, arraias além de vertebrados terrestres e aves (BANDEIRA, 2016). O autor afirma, a partir dos dados analisados, que a dieta do grupo que habitava este sítio estava voltada à pesca de peixes e animais aquáticos, coleta de vegetais e caça de mamíferos de porte pequeno (BANDEIRA, 2009, 2012).

3.7 Sambaquis do Sudoeste Amazônico



No sudoeste Amazônico temos a presença humana comprovada desde o Holoceno Tardio (Lombardo et al., 2013), especificamente em Llanos de Moxos na Bolívia. Nessa região, segundo o autor, há uma grande presença de ilhas de florestas que são grandes montes de terra e quilômetros de campos elevados, alguns de origem natural e outros de origem humana. A região atualmente é caracterizada como Savana e apresenta, sazonalmente, o que chamamos de cheia, que é quando as águas sobem, e seca, que é quando as águas descem, que na maioria das vezes ocorre quando é possível observar e estudar esses montes.

Os sambaquis Isla del Tesoro (SM 1), San Francisco (SM 2), La Chacra (SM 3), San Pablo (SM 4) estão localizado em Lkano do Moxos na Bolívia, apresentam datações do início do Holoceno, Holoceno Médio e Holoceno Tardio. Com a presença de Gastrópodes de água doce (*Pomacea* spp.), ossos de animais ossos como de veado-catingueiro (*Mazama* sp.) e veado do pântano (*Blastocerus dichotomus*), ossos de outros mamíferos, peixes, répteis e aves, e uma quantidade grande de carvão, cerâmica, ferramentas em osso e ossos humanos (LOMBARDO et al., 2013).

O **sambaqui Monte Castelo** (Figura 32) está localizado na margem direita do Rio Guaporé no Sudoeste Amazônico entre os rios Branco e São Miguel no igarapé preto. O sítio possui 6 metros de altura e diâmetro de 1,60m (Furquim, 2018; Prestes, 2017; Pugliese, 2017-2018).

Figura 70 – Imagem do sambaqui Monte Castelo em época de vazante.



Fonte: Furquim (2018).



As primeiras pesquisas nesse sítio foram realizadas por Eurico Miller nos anos 80, quando o pesquisador apresenta datas recuadas para a ocupação humana nesse sambaqui (Furquim, 2018). Houve retomada das pesquisas, em 2011, com o Projeto Médio Guaporé, com etapas de campo realizadas em 2014 e 2016. Os resultados apresentam datações de aproximadamente 7.000 anos A. P. de ocupação (Furquim, 2018; Pugliese, 2017-2018) corroborando a argumentação de Miller.

Figura 71 – Escavações de Eurico Miller no Sambaqui Monte Castelo em 1983.



Fonte: Furquim (2018)

No sambaqui Monte Castelo foi evidenciada uma grande quantidade de material faunístico, cerâmico, lítico e botânico, além de sepultamentos, que ajudaram muito na compreensão desse sítio e da relação das pessoas com o ambiente. As pesquisas trazem-nos reflexões sobre o pensar das relações de manejo associadas a culturas que estavam ligadas à coleta de animais e morando nesses tipos de assentamentos (FURQUIM, 2018).

A fauna encontrada nesse sítio é constituída, predominante, por recursos aquáticos, tendo uma assembleia com 35.287 fragmentos, com quantidade muito alta de peixes (Furquim, 2018; Pugliese, 2017-2018). O sedimento do sítio era composto, também, por restos de vertebrados como tartarugas aquáticas, jacarés, cobras, lagartos, anfíbios, cervídeos, pequenos roedores e tatus. A fauna malacológica é constituída por uma diversidade de conchas em suas camadas sendo que em sua maioria são encontradas valvas de gastrópodes.

A partir da revisão da literatura disponível nas pesquisas desenvolvidas na região Amazônica, foi possível sintetizar, na Tabela 6, as informações de localizações e nomenclaturas



fornecidas sobre os sítios arqueológicos levantados em relatos históricos e trabalhos de pesquisa.

Tabela 10. Informações sobre os sambaquis na Região da Amazônia Legal.

Sambaquis do Baixo Amazonas		
Sítio arqueológico	Localização	Datações/ Período de Ocupação
1. Taperinha	-2°34'33.600", -54°21'50.400"	8 000 e 6000 A. P
2. Maicá	2°34'42.60"S 54°21'59.50"O	Não há ainda datações
3. Ilha de Itandyua	-54°21'50.400", -54°21'50.400"	Não há ainda datações
4. Mondogo	Comunidade Mondogo/ Ponto Aproximado -1°41'6.000", -1°41'6.000"	Não há ainda datações
5. Ilha do Taperebá - Lagoa de Vila Franca	2°11'17.19"S 55° 18'37.'21"O	Não há ainda datações
6. Porto de Moz	Ponto Aproximado -2°11'24.000" -52,381	Não há ainda datações
7. Ponta do Jauari	-2°0'0.000", -55°1'22.800"	Não há ainda datações
Sambaquis do Baixo Xingu		
8. Guará I	Ponto Aproximado -2°37'12.000", -52°1'37.200"	2.255 ± 55 anos AP
9. Guará II	Ponto Aproximado -2°37'1.200", -52°1'44.400"	550 ± 60 anos AP
10. Forte	-51,427472; -1,800722	1800 e 1900 AP
11. Ibama	-51,433389; -1,79175	860 AP
Sambaquis do Rio Tocantins		
12. Curuçá	Ponto Aproximado -2°18'3.600", -2°18'3.600"	Não há ainda datações
13. Jassapetuba	Ponto Aproximado -2°6'46.800", -49°26'34.800"	Não há ainda datações
14. Mina de Sernamby	Ponto Aproximado -2°3'43.200", -49°26'31.200"	Não há ainda datações
Sambaquis da Ilha do Marajó		



15. Sambaqui Jaquarequara	Ilha Trambioca – Próximo à Barcarena	Não há ainda datações
16. Sambaqui Cacoal	Comunidade São Sebastião-Melgaço	Não há ainda datações
17. Sambaqui do Tucumã	1°47'58.79"S - 50°42'58.72"O	4.425-4.245 cal. ano AP
18. Galiléia	Igarapé Pimental- Bagre	Não há ainda datações
Litoral do Salgado		
19. Sambaqui do Itacupim (PA-SA-51)	<p>Todos são pontos aproximados, segundo o mapa de Simões 1968-69, ou retirados de documentação histórica. As localizações descritas estão incluídas nos subtópicos dedicados à Região do litoral do Salgado.</p>	<p>Ocupação entre 6.000 e 3.000 AP</p>
20. Sambaqui Porto de Mina (PA-SA-5)		
21. Sambaqui Ponta de Pedra (PA-SA-6)		
22. Sambaqui do Castelo (PA-SA-35)		
23. Sambaqui Arapiranga (PA-SA-38)		
24. Sambaqui das Cotias (PA-SA-37)		
25. Sambaqui do Bule (PA-SA-33)		
26. Sambaqui do Marinheiro (PA-SA-29)		
27. Sambaqui do Cocal (PA-SA-30)		
28. Sambaqui da Sumaúma – (PA-SA-32)		
29. Sambaqui do Arroz (PA-SA-31)		
30. Sambaqui do Fausto (PA-SA-34)		
31. Sambaqui do Guaximim (PA-SA-11)		
32. Sambaqui do Tijolo (PA-SA-12)		
33. Sambaqui Bambá (PA-SA-52)		



34. Sambaqui do Furinho (PA-SA-09)		
35. Sambaqui da Sumaumeira (PA-SA-14)		
36. Sambaqui do Espinho I (PA-SA-43)		
37. Sambaqui do Espinho II (PA-SA-44)		
38. Sambaqui da Coroa Nova (PA-SA-13)		
39. Sambaqui São João de Pirabas (PA-SA-07)		
40. Sambaqui do Viana (PA-SA -08)		
41. Sambaqui da Ilha de Fortaleza (PA-SA -10)		
42. Sambaqui do Taperebá (PA-SA-15)		
43. Sambaqui de Caratateua (PA-SA-16)		
44. Sambaqui de Inajá (PA-SA-42)		
45. Não encontrado ⁹		
46. Não encontrado		
47. Não encontrado		
48. Não encontrado		
49. Não encontrado		
50. Sambaqui do Portinho(PA-SA-54)		
51. Sambaqui Cocal de Fora (PA-SA-48)		
52. Sambaqui de Itarana(PA-SA-55)		

⁹ Apesar de termos as documentações existentes e sabermos que através dos mapas de Simões 1968-69 esses sítios existem e nas descrições publicadas também, não foram encontrados o nome e as fichas desses cinco sítios. Conseguimos georreferenciar através do mapa anterior onde aproximadamente estão localizados, mas não sabemos o nome do sítio específico, mas apenas que eles existem.



53. Sambaqui Cocal de Dentro (PA-SA-47)		
54. Sambaqui São Sebastião (PA-SA-53)		
55. Sambaqui do Itapéu (PA-SA-46)		
56. Sambaqui de Cuiarana (PA-SA-45)		
57. Sambaqui do Marco (PA-SA-49)		
58. Sambaqui do Ostral (PA-SA-50)		
59. Sambaqui do Penha (PA-SA-39)		
60. Sambaqui do Breu (PA-SA-40)		
61. Sambaqui do Camará (PA-SA-2)		
Sambaquis do Litoral do Maranhão¹⁰		
62. Maiobinha	Ilha de São Luís- Próximo, próximo à estrada São Luís a Ribamar	2 500 a 1 200 AP
63. Pindaí	Ilha de São Luís- Próximo, próximo à estrada São Luís a Ribamar	2 500 a 1 200 AP
64. Iguaiá	Paço Lumiar	-
65. Tendal	Paço Lumiar	-
66. Marval	Paço Lumiar	-
67. Pau Deitado	São José de Ribamar	-
68. Boa Viagem	São José de Ribamar	-
69. Jaquarema	São José de Ribamar	-
70. Rosane	Ilha de São Luís	-
71. Quebra Potes	Ilha de São Luís	-
72. Bacanga	2° 34' 41.1'' 044° 16' 53.1''	5.800 anos A.P
73. Anajatuba	Sem coordenadas	-
74. Paço do Lumiar	-43.129'965'' 87. 394'300''	-
75. Panaquatira	-24.036'216'' 87.336'492''	-
Sambaquis do Sudoeste Amazônico		
76. Isla del Tesoro (SM1)	Beni – Bolívia	

¹⁰ Estas ocupações no litoral são entre 5 000 e 3 500 AP e tendo seu período de expansão para o litoral do Nordeste entre 2 500 a 1 200 AP (Bandeira, 2008)

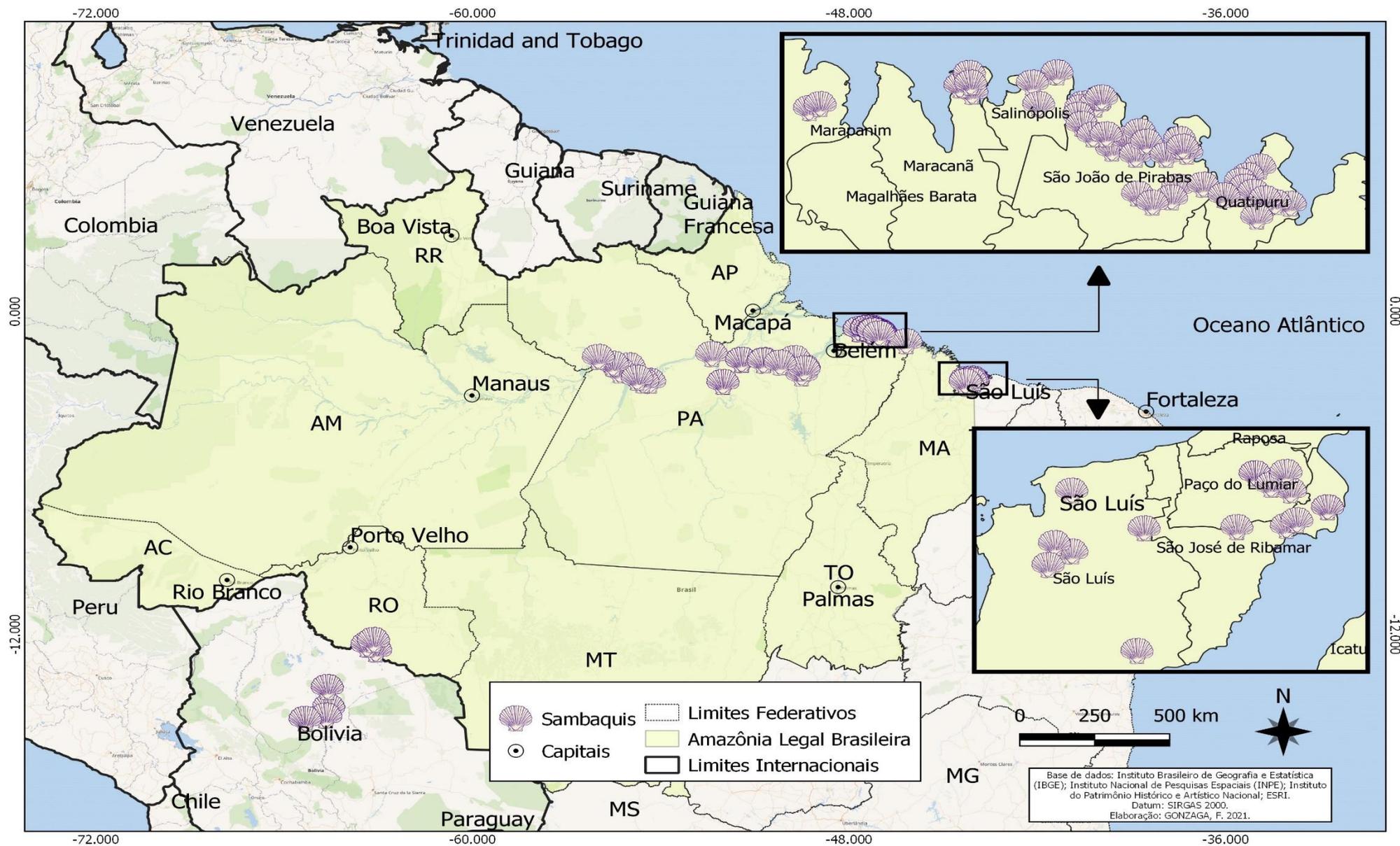


77. La Chacra (SM3)	Beni – Bolívia	
78. San Pablo (SM4)	Beni- Bolívia	
79. San Francisco (SM 2)	Beni – Bolívia	
80. Monte Castelo	Rondônia	9.495-9.137 cal. ano A. P.

Fonte: A autoria própria (2022).



Mapa 1 – Mapa de Sambaquis da Região Amazônica.





Por meio das informações coletadas, percebe-se a existência a distribuição de sítios ao redor de lagos e dos grandes rios. No entanto, a maior parte desses sambaquis foi parcialmente ou totalmente destruída, desde o período colonial, pela exploração de cal, como já mencionado no capítulo 1. Entre os sítios parcialmente destruídos, destaca-se o sítio Taperinha que apresenta, em suas camadas, o registro da cerâmica mais antiga da América do Sul, com datações seguras que remontam há mais de 8 mil anos A. P. (ROOSEVELT et al., 1991).

Em suma, podemos afirmar, pelo levantamento bibliográfico realizado de todos esses sítios arqueológicos, que eles têm suas similaridades como, por exemplo, a presença de conchas como material construtivo principal nesses sambaquis, a presença de cerâmicas arqueológicas e material faunístico que registram a presença humana, apresentando semelhanças que podem ser morfológicas e suas características em geral.

Entre as diferenças, destacam-se a altura, formações geológicas na base dos sítios e lugares onde estão presentes. Sendo que as principais diferenças estão relacionadas aos períodos das ocupações, como, por exemplo, Monte Castelo 6.000 A. P. e Taperinha 8 mil anos A. P (ROOSEVELT et al., 1991), datam do holoceno médio, enquanto outros sítios arqueológicos como Ibama e Forte apresentaram datações associadas ao período holoceno tardio. Os tamanhos dos sambaquis também são destacados como altamente diversos, já que, provavelmente, estariam associados ao contingente populacional dos construtores, período de ocupação e os recursos alimentares utilizados, uma vez que tais populações sambaquieiras estabeleceram diferentes estratégias econômicas, incluindo o próprio cultivo de tubérculos e raízes tuberosas (HILBERT et al., 2017).

Refletindo

A partir das caracterizações postas sobre cada um desses sambaquis encontrados na literatura, conseguimos observar que estão em ambientes diferentes, como em rios de terceira ordem ao redor de grandes lagos como exemplo Ibama e Forte, ilhas de florestas como o sambaqui Monte Castelo ou mesmo às margens do encontro do rio com o mar, que é o caso de sambaquis no litoral do Salgado.

Estes apresentam uma característica importante que é a presença de cerâmicas arqueológicas, com datas importantes para muitas explicações e discussões sobre a dinâmica de povoamento das Américas, sobre a discussão de agricultura e manejo e sobre



a dinâmica de grupos indígenas que viviam há séculos nessa região. Tais características serão exploradas no próximo capítulo no qual trarei minha reflexão a respeito dos dados.

Dados de todas essas pesquisas fazem-nos refletir sobre a existência dos sambaquis na região amazônica, de como esses povos tratavam a floresta, de como a modificavam e não a destruía. Apesar das singularidades, como o seu material de construção, estes apresentam uma variabilidade artefactual e uma profundidade temporal de ocupação. Sendo importante visar que ainda há muitas pesquisas a serem realizadas para cada um destes sítios serem melhor entendidos.



4 É DE CONCHA EM CONCHA QUE SE CONSTRÓI SAMBAQUI

A partir desse momento, o xamã saberá trazer de volta a fertilidade da floresta para junto dos seus. Sem ninguém saber, ele fará crescer todas as plantas e curará sua esterilidade. Assim que faz dançar Nê roperi, as flores começaram a desabrochar nas árvores. Em seguida os galhos ficam férteis e carregados de frutas. Se o espírito da fertilidade não descesse com seus espíritos japim e gralha, nossa floresta permaneceria com valor de fome e a caça não andaria nela. (KOPENAWA, 2015, p. 209).

4.1 Um caminho de leitura

Este capítulo busca sintetizar os debates teóricos dentro da arqueologia na região Amazônica e as perspectivas direcionadas para entender os povos originários que habitavam na região. A partir dessa contextualização, seguimos para o objetivo principal da pesquisa que é entender os grupos que estavam construindo sambaquis em território amazônico, resultando na modificação da paisagem. No entanto, alterações que não prejudicassem o meio ambiente no qual estavam vivendo. Buscamos também compreender outras interseções com a natureza, no caso, a modificação desse ambiente. Apresenta-se uma abordagem sobre a preservação e a conservação desses sítios arqueológicos que vêm sendo uma preocupação de âmbito tanto nacional, quanto internacional finalizando o capítulo.

Para construir esse entendimento sobre os povos originários que estavam construindo sambaquis, tivemos que voltar períodos no passado, iniciando com a invasão da região Amazônica, mais conhecida como “colonização”, na qual a região ficou conhecida no imaginário europeu como o *Grande elo perdido de El Dourado*. Onde tinham em seu imaginário que a Região era um elo perdido e que as pessoas que moravam aqui não tinham suas culturas e não eram sociedades desenvolvidas. O que sabemos hoje, através de estudos e vestígios arqueológicos, etnológicos e com a variedade de povos indígenas que sobreviveram a este genocídio, que não é verdade.

A invasão europeia contribuiu para a fragmentação das redes ameríndias estabelecidas por toda a Amazônia, além de influenciar no processo de regressão de domesticação de plantas e paisagens (CLEMENT, 1999). Tais sociedades estavam estabelecendo estratégias de manejo que resultaram na formação de terras férteis, como a



terra preta, podendo-se enxergar como um sinal de sociedades sedentárias nos últimos três mil anos A. P. (NEVES, 2012; SCHMIDT et al., 2014).

A terra preta foi sendo associada a grupos sedentários que praticavam o cultivo. A hipótese levantada era que a formação desses solos era resultado de acúmulos de restos de resíduos orgânicos de antigas aldeias. Esses acúmulos ficam registrados na paisagem como grandes montículos (Denevan, 1996; Smith, 1879; Woods; Silva, 2016; Schmidt, 2016). Análises atualmente indicam que esses solos sofreram um impacto contínuo de atividades domésticas, de queima e descarte de lixo (Arroyo-Kalin, 2010; Schmidt, 2016). Estudos muito importantes para entender melhor essas ocupações foram realizadas na Amazônia Central, Alto Xingu, Serra dos Carajás, Baixo Rio Trombetas e Baixo Tapajós. Pesquisas etnoarqueológicas apoiam essas hipóteses, como os trabalhos de Heckenberger (1996), com a etnia Kuikuro e de Fabiola Silva (2002) com a etnia Asurini do Xingu, que documentam o processo de formação desses solos (Silva, 2016; Schmidt, 2016; Marcondes et al., 2016).

Apesar desses solos serem considerados indicativos de grupos horticultores sedentários, as terras pretas são também evidenciadas em sambaquis na Amazônia. Roosevelt (1991; 1995), em seus estudos, mostra a presença de terra preta em sambaquis no baixo Amazonas, associada às cerâmicas dos grupos que habitavam essas construções. Os sambaquis Amazônicos apresentam esses horizontes antrópicos em sua construção. Perguntas frequentes questionam se esses grupos acumuladores de conchas estavam praticando o cultivo na Amazônia há mais tempo do que pensamos, um exemplo é na região dos Andes que as cerâmicas estavam sendo produzidas por grupos que se alimentavam basicamente de moluscos e praticavam a horticultura desde o período formativo (Furquim, 2018).

Outro momento importante para a arqueologia Amazônica foi a produção do volume *Handbook of South American Indians* por Julian Steward (1946), trazendo o início das discussões sobre a complexidade social e política dos Povos da Amazônia. Os autores Robert Lowie e Julian Steward defendiam que na Amazônia não havia indicadores para classificar estes grupos como povos complexos, porque, com base em relatos etnográficos de povos atuais, desconsideravam o ataque de genocídio que aconteceu a partir de 1492.

Além disso, os principais indicadores de falta de complexidade social e política eram: xamanismo; falta de estratificação social; ausência de agricultura, entre outros. A



principal teoria utilizada é a Ecologia Cultural. Esta teoria (NEVES, 1996) resgata um conceito dentro da Antropologia que o meio ambiente é o fator predominante e gerador de cultura, “Em síntese pode -se dizer que o método da Ecologia Cultural se propõe a estudar a relação entre certas características do meio e determinados traços da cultura da sociedade humana que vive naquele meio” (Neves, 2002. p. 34).

Sendo assim, a ecologia cultural é apreendida como sendo o ambiente determinante para o grau evolutivo da cultura, o conceito utilizado para sustentar esta premissa foi o de “cultura de floresta tropical”. O conceito de cultura de floresta tropical foi uma categoria tipológica desenvolvida para descrever os padrões de organização econômica, social e política das populações indígenas da Amazônia e das florestas tropicais do leste da América do Sul. Além de tipológico, o conceito é também evolutivo, representando aproximadamente a categoria de “tribo” dos neo-evolucionistas norte-americanos (Feinman e Neitzel 1984 apud Neves, 1999-2000).

Betty Meggers (1970) propõe, com a sua teoria de Determinismo Ambiental, de forma similar à teoria de Lowie e Steward, que os grupos étnicos amazônicos não teriam complexidade, já que o ambiente não daria oportunidades às sociedades pretéritas.

Já que a cultura, sem um fornecimento concentrado e produtivo de alimento, só pode atingir um nível mínimo de complexidade, as diferenças no potencial de subsistência constituem, do ponto de vista da adaptação humana, o aspecto mais importante do meio ambiente. (Meggers, 1970. p. 30).

Isso está relacionado pela escassez de alimentos e dependência de uma agricultura subsistente, devido os solos naturais amazônicos apresentarem ausência de minerais, bem como nutrientes, o que justificaria a impossibilidade de estabelecer uma agricultura em larga escala. Desse modo, os povos indígenas estariam dependentes de uma agricultura de coivara¹¹, o que impediria a presença de um grande contingente populacional. Além disso, a autora ainda sugere que a guerra e o canibalismo eram eventos realizados de modo a fazer um controle populacional, uma vez que não haveria alimentos para grandes grupos.

Essa conjectura defendida por Betty Meggers (1954; 1970) recebeu críticas de outros pesquisadores que não concordavam com essa teoria, sendo um deles Donald Lathrap. Lathrap (1970) argumenta que a Amazônia permitiu um grande contingente

¹¹ “Tipo de agricultura que os indígenas desenvolviam a partir de 1.000 a.C. conhecido como agricultura “de coivara”, “de toco” ou “de corte e queima”. Uma parte da floresta é derrubada e queimada na época da seca e cultivada posteriormente, semelhante ao realizado pelos indígenas contemporâneos (Neves, 2006)”.



populacional através de produção de alimentos como a mandioca; uma das mais importantes fontes de alimentação na dieta amazônica, e trouxe as considerações de que havia um centro de inovações tecnológicas na região que eram repassadas para outras localidades através de redes hidrográficas. Esse modelo foi denominado de modelo cardíaco, a partir da ideia de que essas redes hidrográficas eram consideradas como similares às ligações sanguíneas.

As pesquisas de Ana Roosevelt (1994) contrapõem-se à hipótese de Betty Meggers (1954). Roosevelt considera que a várzea foi capaz de sustentar populações densas através de produção de alimentos como o milho e de outras plantas. Continua, ainda, que a agricultura, o sedentarismo e a cerâmica teriam surgido na Amazônia e não em sociedades mesoamericanas e andinas. Tanto Roosevelt como Lathrap sugerem e acreditam que a Amazônia foi um grande berço de inovações tecnológicas, portanto, sugerem, ainda, que foram passadas através de fluxo para outras sociedades não amazônicas.

Eduardo Neves (2012) e colaboradores abordam a ocupação e permanência das sociedades étnicas como sociedades que possuíam sua complexidade social e política, dessa forma, esses fatores não poderiam ser determinados pelo ambiente. Eram sociedades que possuíam opções, escolhas e preferências culturais, por exemplo, a Amazônia oferecia ampla variedade de recursos alimentares, isto é, elas poderiam viver do consumo da fauna aquática e terrestre. Algumas populações beneficiaram-se tanto da várzea quanto da terra firme.

A **várzea** é um ambiente caracterizado como um local que há um grande sistema de fauna e flora excepcional para a sobrevivência (DENEVAN, 1996; MEGGERS, 1974; MORAES 2015; SHOCK E MORAES, 2019). A **terra firme** caracteriza-se pela heterogeneidade florística com predominância de espécies agregadas em algumas formações e aleatórias em outras (ARAÚJO et al., 1986). A sociedade Tapajó, localizada em Santarém-PA, podia transitar entre esses dois contextos (NIUMENDAJU, 1929-1932; GUAPINDAIA, 2004; MORAES, 2015). Portanto, resultava em uma complexidade social e política que é identificada através da cultura material deixada por esse povo, contrariando até agora as sugestões do modelo de determinismo ambiental posto por Meggers (1970).

A partir desse aparato geral sobre os modelos que eram usados nas pesquisas na Amazônia, chegamos ao modelo teórico que vamos usar neste trabalho, que é o de Ecologia Histórica. A ecologia histórica é programa de pesquisa voltado para a



compreensão das dimensões temporal e espacial nas relações das sociedades humanas com o seu ambiente local e efeitos globais cumulativos dessas relações (BALÉE, 2008, 2017). As relações humanas desencadeadas com o ambiente podem gerar transformações na paisagem. A definição de paisagem que será usada durante esta pesquisa está voltada ao conceito que Carole Crumley (1994) aborda “uma manifestação material da relação entre pessoas e o ambiente” (p. 6).

Segundo Balée (2006; 2017), as atividades desenvolvidas por humanos vão deixando marcas ao decorrer do tempo, tanto físicas quanto culturais, e são essas marcas que vão sendo estudadas pela ecologia histórica através de várias áreas do conhecimento, para buscar compreender e entender quais as relações que as pessoas estavam tendo com seu ambiente.

As marcas físicas e culturais podem estar apresentadas na vegetação. Um exemplo dessas marcas é o manejo das florestas amazônicas para fins de alimentação, esse manejo foi percebido por Huber, em 1909, esses grupos que estavam habitando nessa região estavam modificando a passagem através de derrubadas das florestas – fazendo queimadas para fins de horticultura (HURBER, 1909 apud BALLÉ, 1989). Esse sistema que Huber (1909) nota é usado até hoje na região por comunidades tradicionais – sistemas de roçados, e que deixam marcas claras na paisagem: como grandes clareiras e concentração de plantas (esses vestígios conseguem ser encontrados através de inventários florísticos), bem como a terra preta, que até hoje é usada e manejada para a alimentação.

Mas essas marcas são prejudiciais ou não? Segundo Balée (2008), “tipos de sociedades definidas por vários critérios socioculturais, políticos e culturais impactam as paisagens de formas desiguais [...]” (p. 182). Portanto, cada sociedade, dependendo de seus critérios, pode, ou não, prejudicar o ambiente com suas marcas produzidas. No caso da região Amazônica temos dois atores: (1) os povos originários que contribuíram para a formação da região e um segundo ator (2) a sociedade ocidental.

Os povos originários da região Amazônia estabeleceram/estabelecem estratégias diversificadas para a exploração – benéfica – das florestas. Uma prática que mescla coleta, manejo e cultivo de plantas, bem como a pesca e a caça de animais. O sítio Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, conta com uma ocupação de mais de 12 mil anos A. P., apresenta vestígios de palmeiras, como a bacaba (*Oenocarpus bacaba*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*), e frutos de árvores frutíferas, tais como a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*), que apontam à concentração de recursos que eram levados a cabo



por seus habitantes e contribuía, também, para um sistema contínuo de exploração (ROOSEVELT et al., 1996; SHOCK & MORAES, 2019). Eram estratégias semelhantes às desenvolvidas pelos Nukak, na Colômbia, que exploravam a floresta sem exaurir os recursos (POLITS, 1996).

Segundo Neves et al (2014), uma das primeiras marcas deixadas na paisagem de sociedade através do manejo é a terra preta. Segundo Smith (2011; 2012), com seu modelo de identificação de nichos culturais nas paisagens, são seis os tipos de transformações das paisagens positivas e uma delas é a mudança na paisagem para a atração de fauna aquática que é a construção de tanques. Um desses sistemas de drenagem é abordado nos estudos de Prestes-Carneiro e colaboradores (2019), na savana Boliviana de Llanos de Mojos, que identificou através de vestígios arqueológicos um sistema hídrico de lagoas circulares conectadas, tanques que serviam para reter água durante períodos de seca, sendo assim, outro estudo que nos mostra tipos de marcas deixadas na paisagem de indígenas que viviam na região, e que podem ser encontrados atualmente através de vestígios arqueológicos.

Na arqueologia, conseguimos estudar essas modificações nas paisagens através dos estudos do que foram deixados por esses grupos na paisagem, tentando compreender os seus sistemas econômicos, sistemas sociais e modo de vida. Através da ecologia histórica, tentamos entender as marcas deixadas no ambiente para compreender os povos que construíram essa floresta.

A sociedade ocidental deixa marcas também desde a invasão da nossa floresta por europeus no século XVI. No livro “A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami”, Davi Kopenawa e Bruce Albert mostram a perspectiva de povos originários sobre modificações na paisagem. Contam a história de como o seu ambiente vem sendo prejudicado pela sociedade ocidental. Uma das modificações que as terras indígenas, passam e passaram e que deixam muitas marcas é a grande invasão do capitalismo, do poder absoluto de tomar as terras dos donos de direitos, e as marcas deixadas ficam claras no exemplo que estamos usando nesse momento, no relato de Davi Kopenawa

As invasões das terras yanomami por garimpeiros – e suas consequências em termos de epidemias, estupros, assassinatos, envenenamento dos rios, esgotamento da caça, destruição das bases materiais de dos fundamentos morais da economia indígena [...] (p. 23).

Conseguimos observar a grande marca que a sociedade ocidental vem deixando na região das florestas, marcas tanto culturais, como físicas, que é o envenenamento por



mercúrio das pessoas que moram nas regiões impactadas e a destruição da floresta através da supressão da vegetação, assoreamento e poluição, causados por rejeitos dos recursos d'água com mercúrio metálico (de-Paula e colaboradores, 2006; TANNÚS, 2001).

Atualmente, é possível observar as marcas deixadas na paisagem pela sociedade ocidental nos nossos recursos hídricos, trazendo como exemplo o Rio Tapajós que está sendo contaminado por mercúrio junto à população que ali vive.

Figura 39 – Imagem mostrando modificações realizadas na Paisagem no rio Tapajós. Resultado de contaminação por Mercúrio



Fonte: Catarina Schmitz Feijó (2012).

Com essa perspectiva e entendimento sobre as marcas deixadas na paisagem, tanto positivas, como negativas, das sociedades pretéritas e sociedade ocidental, voltamos aos Sambaquis, sítios que podem ser compreendidos como um tipo de marca deixada na paisagem por grupos originários de cunho positivo. No caso, iremos discutir os sambaquis apresentados no capítulo três dessa pesquisa, os sambaquis na Amazônia, as diferentes escolhas de implantação desses sítios, datas de implantação deles, onde estão presentes, material construtivo e sua antiguidade e diversidade na região da Amazônia legal.



4.2 "Onde é que tu se escondes?" As diferentes escolhas na implantação na paisagem.

A construção e mudança das paisagens amazônicas foi um processo de longa duração, realizado pela relação entre as pessoas e o ambiente. Na Amazônia, as mudanças na paisagem, realizadas por populações pretéritas, deixaram marcas. Alguns exemplos são as construções de lagos artificiais para a captação de recursos aquáticos, sambaquis, Tesos, Geoglifos e solos antrópicos (Marcondes et al., 2016; Schmidt, 2016).

Os **lagos artificiais** (Figura 40) arqueológicos são modificações na paisagem que foram realizadas por populações ameríndias para tentar lidar com o excesso ou a falta de água em suas regiões e captação de recursos aquáticos. Um exemplo desses lagos aconteceu na savana Boliviana de Llanos de Mojos, em 500 a 1400 d. C. (Prestes-Carneiro e colaboradores, 2019).

Figura 72 – Interior da lagoa circular com saída do canal visível no centro.



Fonte: Prestes-Carneiro (2019).

Os **Tesos Marajoaras** são grandes plataformas de terra (SCHAAN et al., 2004), localizados no Marajó e são lugares de habitações e culto aos antepassados (MEGGERS; EVANS 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2007).

Os **Geoglifos** (Figura 41) são encontrados desde o leste do Acre ao oeste de Rondônia, e do norte da Bolívia ao sul do Amazonas. São considerados patrimônio



cultural que tem mais de 1000 anos de existência, eles marcam entrada e saídas de acesso de estradas e são grandes monumentos representados por geométricos, sendo locais de pontos de encontros e rituais (SCHAAN et al., 2010).

Figura 73 – Imagem de geoglifo presente no Acre.



Fonte: Schaan e colaboradores (2010).

Os **solos antrópicos** (Figura 42) são acúmulos de restos de resíduos orgânicos (DENEVAN, 1996; SMITH, 1879; WOODS; SILVA, 2016; SCHMIDT, 2016). Análises indicam que esses solos sofreram um impacto contínuo de atividades domésticas, de queima e descarte de lixo (ARROYO-KALIN, 2010; SCHMIDT, 2016).

Figura 74 – Foto de solo Antrópico sendo medido.



Fonte: Kevin MacDaniel (2018).

No caso da pesquisa, estamos pensando nos sítios **sambaquis**, sítios caracterizados por serem em forma de montículo, com acumulação de valvas de conchas e outros materiais, gerando marcas na paisagem. Essas marcas que foram deixadas na paisagem amazônica – sítios arqueológicos sambaquis, variam suas ocupações de 8 000 e 6000 A. P. (sambaqui de Taperinha), 6.000 e 3.000 A. P. (sambaquis presentes no litoral do salgado), 2500 a 1200 A. P. (sítios no Litoral do Maranhão) e concheiros no sudoeste Amazônico com cronologia entre 9.495 e 9.137 cal. ano A. P. Ou seja, são ocupações de longa duração. Além de estarem sendo ocupados durante todo o holoceno, existe a dispersão desses sítios que variam entre as regiões Amazônicas, inclusive em áreas que mantêm distância desses grandes rios de onde são associadas sociedades mais complexas.

Apesar de terem datas e localizações diversificadas, eles têm suas similaridades como, por exemplo, a presença de conchas enquanto material construtivo nesses sambaquis, a presença de cerâmicas arqueológicas e material faunístico que registram a presença humana. Entre as diferenças, destacam-se a altura, formações geológicas e os lugares onde estão presentes. Apresentando semelhanças que podem ser morfológicas e suas características em geral, sendo as principais diferenças relacionadas aos períodos de ocupações, como, por exemplo, Monte Castelo 6.000 A. P. e Taperinha 8.000 A. P. datam do Holoceno Médio, enquanto outros sítios arqueológicos como Ibama e Forte apresentaram datações associadas ao período do Holoceno Tardio.

Os tamanhos dos sambaquis também são destacados como uma diferença, já que, provavelmente, isso estaria associado ao contingente populacional, período de ocupação e os recursos alimentares, uma vez que tais populações sambaquieiras estabeleceram



diferentes estratégias econômicas, incluindo o próprio cultivo de tubérculos e raízes tuberosas (HILBERT et al., 2017).

Entre a dispersão dessas regiões, encontram-se esses localizados em áreas como várzeas, grandes lagos, encontro entre rios e mar, mangues, igarapés entre outros. A partir dos dados coletados, criei subdivisões com base nos ambientes onde esses sambaquis encontram-se, que são: (1) Sambaquis perto de lagos, (2) Sambaquis próximos ao encontro de Rio e Mar, (3) Sambaquis próximos a igarapés, (4) Localizados próximos à grandes rios, (5) Sambaquis em ilhas e (6) Sambaquis em ilhas de florestas. Para visualizar melhor as diferentes escolhas na implantação desses sambaquis na paisagem, exponho com mais detalhes a seguir.

1º Sambaquis perto de lagos¹²: dos dados coletados de sambaquis presentes em lagos temos o Sambaqui de Maicá – sem datações, Sambaqui de Lagoa de Vila Franca – sem datações e os sítios Ibama com datações 860 A. P. e Forte 1 800 e 1 900 A. P.

2º Sambaquis próximos ao encontro de rio e mar: através dos dados coletados, os sambaquis nestas localizações são os do litoral do Salgado – apresentando ocupação entre 6 000 e 3 000 A. P. e do Litoral do Maranhão com ocupação de 2 500 a 1 200 A. P., tendo suas características principais por estarem perto de mangue, em sua maioria.

3º Sambaquis próximos a Igarapés¹³: estão presentes nesses ambientes os Sambaquis Guará I com presença humana por volta de $2\ 255 \pm 55$ anos AP e Guará II com datações 550 ± 60 anos A. P., localizados no Rio Xingu.

4º Sambaquis localizados próximos à grandes rios: estes são Taperinha, com datações que variam entre 8 000 e 6 000 A. P., Sambaqui do Mondogo sem a presença de datações – Rio Trombetas, Sambaqui Porto de Moz, sem datações, localizado no Rio Xingu, Ponta do Jauari sem a presença de datações, estando localizado na várzea do Rio Amazonas, Sambaqui de Curuçá, Jassapetuba e Mina de Sernamby, sem datações, localizados no Rio Tocantins.

5º Sambaquis em ilhas fluviais¹⁴: existem cinco sambaquis que foram coletados dados e que estão presentes em ilhas que são os presentes na ilha do Marajó, Jaquarequara

¹² São áreas de várzea que são totalmente inundadas no período de cheia e quando vem o momento da seca se torna zona ecológica, sendo uma delas lagos (Castro e McGrath, 2001).

¹³ Um igarapé é um curso d'água amazônico de primeira ou em terceira ordem, constituído por um braço longo de rio ou canal. Existe em pequeno número na bacia amazônica, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata (IPAM, 2015).

¹⁴ São bancos dendríticos resultado das modificações hidrográficas frequentes nas paisagens (Pacheco et al., 2012, p. 543).



sem a presença de datações, Cacoal – sem a presença de datações, Tucumã com datações 4.425-4.245 cal. ano A. P. e Galiléia – sem a presença de datações e o Sambaqui da Ilha do Taperebá que não há datações.

6º Sambaquis em ilhas de florestas¹⁵: são os sambaquis encontrados e estudados na Amazônia Boliviana que são os sambaquis Isla del Tesoro (SM1), San Francisco (SM 2), La Chacra (SM 3), San Pablo (SM 4), localizado em Lkano do Moxos na Bolívia, apresentam datações do Holoceno, e o Sambaqui de Monte Castelo com datações de aproximadamente 7 000 anos A. P. de ocupação.

Segundo Clement (2001), a paisagem vem sendo modificada tanto consciente, como inconsciente. Ele aponta também para o fato de que essa interação entre os seres humanos e a paisagem resulta em mudanças na ecologia da paisagem e na população de animais e plantas, que resulta em uma paisagem mais “segura” para as sociedades. Como vimos acima, o objeto dessa pesquisa são os sambaquis e deixamos claro que eles são modificações na paisagem que as sociedades pretéritas estavam construindo, lugares importantes eram habitados e reabitados, o que nos faz refletir sobre a importância desses lugares que continuam persistindo, há milênios, qual a sua importância e o porquê da sua persistência.

Um dos exemplos dessa persistência são sítios sambaquis como Ibama e Forte, ocupados durante o holoceno tardio, sendo o Ibama com datações 860 A. P. e Forte, 1800 e 1900 A. P., que estão localizados perto de lagos, e que continuam sendo reocupados até hoje com as comunidades tradicionais na Flona de Caxiuanã. A maior parte desses sítios foram ocupados e reocupados e estão inseridos em locais com acesso aos rios, sejam grandes ou pequenos, bem como também há possibilidade de alimentar de árvores frutíferas e raízes tuberosas. Além disso, temos também o complexo de sambaquis do Salgado que apresentam datas 6000 e 3000 A. P. e que foram todos completamente destruídos, vários deles estavam presentes em um lugar que hoje é um dos maiores pontos turísticos da zona de Belém, que é Salinópolis, temos entre tantos outros que estão sendo reocupados, mostrando que são lugares como Clement (2001) cita, foram modificados e com o passar dos tempos foram ficando mais “seguros”, para cada uma das populações que vinham reocupando esses lugares, tornaram-se lugares persistentes¹⁶ e que podem ser

¹⁵ Fragmentos florestais isolados por áreas desmatadas, clareiras em uma floresta isoladas por árvores (Townsend et al., 2006).

¹⁶ Feições criadas na ocupação inicial de um local que, posteriormente, atraem as ocupações subsequentes, agindo como elementos que estruturam paisagens e constroem referências regionais para a ocupação de uma determinada área (NEVES, 2012, p. 218).



comprovados através dos vestígios materiais que são e foram encontrados, apontando para a multicomponencialidade desses sítios. Abaixo, alguns dos sítios que temos pesquisas com datações e que persistem na paisagem amazônica.

Fluxograma 1 – Datações radiocarbônicas dos sítios sambaquis.

Monte Castelo	→ 9.495 -9 137 cal. ano AP
Litoral do Maranhão	→ 2.500 e 1200 AP
Litoral do Salgado	→ 6.000 e 300 AP
Tucumã	→ 4.425 AP
Ibama	→ 860 AP
Forte	→ 1800/ 1900 AP
Guará 2	→ 550 AP
Guará 1	→ 2.255 AP
Taperinha	→ 8000/6000 AP

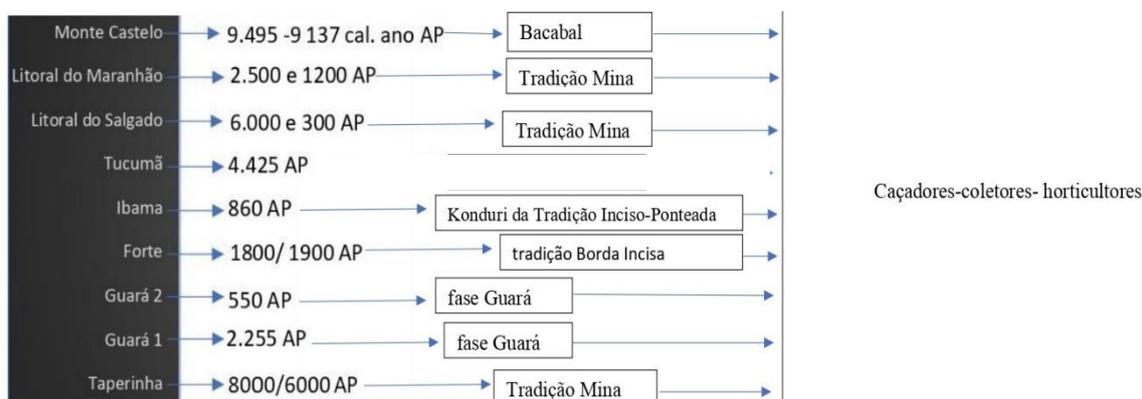
Fonte: Autoria própria (2022)

Além da persistência desses lugares como mostra a Figura 43, que os torna importantes para a nossa análise, há outras semelhanças que dizem respeito à importância analítica que são os elementos da cultura material presentes em sítios: cerâmica e material faunístico.

Nesta pesquisa vamos associar os sambaquis amazônicos (FURQUIM, 2019). Esses grupos estão se movimentando, apresentam complexidade cultural, tendo sua subsistência através da fauna aquática, com criação de tanques em períodos de seca (Prestes-carneiro. et al., 2019), e alimentando-se de fauna terrestre, a ser incluído o próprio cultivo de tubérculos e raízes tuberosas (Hilbert et al., 2017; Furquim, 2019).



Fluxograma 2 – Datações das ocupações, tradições cerâmicas relacionadas e a sociedade que estava ocupando esses sítios.



Fonte: Autoria própria (2022).

Essas regiões apresentam a distinção por perfis hidrológicos, seria mais distante de rios de primeira ordem, e aproximando-se mais das florestas com a chegada do holoceno tardio, uma hipótese a ser pensada poderia ser: grupos que estavam sendo colonizados nas áreas de mais influências dos Rios mais extensos, indo atrás de refúgios mais adentro das matas, a fins de adaptações criaram técnicas de plantios, de captura de recursos aquáticos e recursos terrestres.

Importante frisar que são sítios que mostram através de suas extensões que essas populações eram complexas, tinham seus modos de vida, suas técnicas de manufatura e de sobrevivência. Como mostram os vestígios arqueológicos como cerâmicas antigas, e métodos de captação de recursos.

4.3 “Te atenta” à preservação dos sítios

Nossa pesquisa revelou um momento propício também para pensar que muitos dos sítios concheiros da Amazônia estão destruídos, havendo uma grande perda de informações sobre estes. O que nos faz pensar sobre essa preservação do patrimônio arqueológico. Segundo o levantamento realizado pelo presente trabalho, mais de 50% desses sítios foram destruídos ou estão sendo destruídos todos os dias. Quais medidas seriam importantes e de apoio para ajudar na preservação desses sítios que podem ajudar-nos a entender melhor nossa história? Sentimos a necessidade de trazer uma breve reflexão sobre políticas públicas de preservação dos sambaquis que são tão importantes para uma compreensão do nosso passado que não é tão distante.



E as políticas públicas de preservação desses sítios, quais são, como são adotadas, e como funcionam? Na legislação, encontra-se a lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos e sanciona a proteção dos sítios. O artigo três, especificamente, cita os sítios arqueológicos sambaquis:

Artigo 3: São proibidos em todo o território nacional todo aproveitamento econômico, a destruição e mutilação, para qualquer fim, **das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis**, e bem assim dos sítios, inscrições ou objetos enumerados nas alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as condições anteriores e não caducas.

Apesar dessas condições legislativas atuais regidas pelo Estado, muitos dos sítios foram destruídos. Segundo os dados que foram produzidos por essa pesquisa, 50% dos sítios sambaquis foram destruídos (Tabela 9), havendo perda de história do passado de vários povos que viviam na Amazônia.

Tabela 11. Estado de conservação de cada sítio sambaqui na Região Amazônica.

Sítio arqueológico	Estado de Conservação
Taperinha	Parcialmente destruído ¹⁷
Maicá	Não consta essa Informação ¹⁸ .
Ilha de Itandyua	Não consta essa Informação.
Mondogo	Não consta essa Informação.
Ilha do Taperebá - Lagoa de Vila Franca	Não consta essa Informação.
Porto de Mós	Parcialmente destruído
Ponta do Jauri	Parcialmente destruído.
Guará I	Parcialmente destruído
Guará II	Parcialmente destruído
Forte	Parcialmente destruído
Ibama	Parcialmente destruído
Curuçá	Parcialmente destruído
Jassapetuba	Destruído ¹⁹
Mina de Sernamby	Destruído
Sambaqui Jaquarequara	Destruído

¹⁷ Definição – Parcialmente destruído: Apesar de ter sido muito modificado com ações tanto antrópicas quanto naturais ainda existe vestígios.

¹⁸ Definição- Não consta informação: Não foi encontrado informação nos relatos encontrados para essa pesquisa.

¹⁹ Definição – Destruído: Não há mais vestígios desses sambaquis.



Sambaqui Cacoal	Parcialmente destruído
Sambaqui do Tucumã	Destruído
Galiléia	Parcialmente destruído
Sambaqui do Itacupim	Destruído
Sambaqui Porto de Mina	Parcialmente destruído
Sambaqui Ponta de Pedra	Parcialmente destruído
Sambaqui do Castelo	Destruído
Sambaqui Arapiranga	Destruído
Sambaqui das Cotias	Destruído
Sambaqui do Bule	Destruído
Sambaqui do Marinheiro	Destruído
Sambaqui do Cocal	Destruído
Sambaqui da Sumaúma	Parcialmente destruído
Sambaqui do Arroz	Destruído
Sambaqui do Fausto	Destruído
Sambaqui do Guaximim	Destruído
Sambaqui do Tijolo	Destruído
Sambaqui Bambá	Destruído
Sambaqui do Furinho	Destruído
Sambaqui da Sumaumeira	Destruído
Sambaqui do Espinho I	Destruído
Sambaqui do Espinho II	Destruído
Sambaqui da Coroa Nova	Parcialmente destruído
Sambaqui São João de Pirabas	Destruído
Sambaqui do Viana	Destruído
Sambaqui da Ilha de Fortaleza	Destruído
Sambaqui do Taperebá	Destruído
Sambaqui de Caratateua	Destruído
Sambaqui de Inajá	Destruído
Sambaqui do Portinho	Destruído
Sambaqui Cocal de Fora	Destruído
Sambaqui de Itarana	Destruído
Sambaqui Cocal de Dentro	Destruído



Sambaqui São Sebastião	Destruído
Sambaqui do Itapéu	Destruído
Sambaqui de Cuiarana	Destruído
Sambaqui do Marco	Destruído
Sambaqui do Ostral	Destruído
Sambaqui do Penha	Destruído
Sambaqui do Breu	Destruído
Sambaqui Cuirana	Destruído
Sambaqui Panema	Parcialmente destruído
Sambaqui do Camará	Destruído
Maiobinha	Parcialmente destruído
Pindaí	Parcialmente destruído
Iguaíba	Parcialmente destruído
Tendal	Parcialmente destruído
Marval	Parcialmente destruído
Pau Deitado	Parcialmente destruído
Boa Viagem	Parcialmente destruído
Jaquarema	Parcialmente destruído
Rosane	Parcialmente destruído
Quebra Potes	Parcialmente destruído
Bacanga	Parcialmente destruído
Anajatuba	Parcialmente destruído
Paço do Lumiar	Parcialmente destruído
Panaquatira	Parcialmente destruído
Isla del Tesoro (SM1)	Parcialmente Destruído
La Chacra (SM3)	Parcialmente Destruído
San Pablo (SM4)	Parcialmente Destruído
San Francisco (SM 2)	Parcialmente Destruído
Monte Castelo	Parcialmente destruído

Fonte: Autoria própria (2022).

Como vimos na Tabela 9, a maioria dos sítios sambaquis registrados na Amazônia, encontrados para análise dessa pesquisa, foram destruídos. Alguns por questões naturais



e a maioria por modificações antrópicas, como criações de estradas, processos de urbanização e grandes projetos de cunho desenvolvimentista.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para buscar compreender a diversidade desses sambaquis foi importante, primeiro, compilar todos os dados de pesquisas sobre sítios, buscar compreender esses sambaquis como transformações na paisagem, como momentos que os povos originários estavam modificando áreas, deixando vestígios de sua complexidade cultural, e deixando suas marcas na floresta sem prejudicá-las.

Mostrando que a construção das paisagens amazônicas foi um processo de longa duração, que mostra com datas recuadas apresentadas na pesquisa, e que havia uma relação segura das pessoas com a floresta. Tanto no passado quanto no presente podemos observar que existe uma relação de escolhas entre alimentação, uma diversidade de animais que continuam até hoje e que há lugares significantes e persistentes na Amazônia durante milênios, como, por exemplo, os sítios sambaquis (FURQUIM, 2018; HILBERT, 2017), os sítios a céu aberto (KATER, 2018; MONGELÓ, 2016; PINHEIRO, 2021) e os sítios de abrigo (SHOCK & MORAES, 2018; BUENO, 2017).

Assim, como conseguimos observar, a sociedade modifica a paisagem e a paisagem modifica a sociedade. O grande avanço desenfreado de projetos predatórios por parte da sociedade ocidental vem modificando a paisagem ao ponto que não vem deixando vestígios para entender sobre o nosso passado, prejudicando os povos que vivem na Amazônia – indígenas, quilombolas, populações tradicionais e beiradeiros, que têm a sua subsistência vinda dos rios e da floresta.

A partir dessa perspectiva, é importante pensarmos em pesquisas que tratem sobre esse desenvolvimentismo desenfreado, que, apesar da legislação, não há menor dúvida que continua esse genocídio de todos nós, todos os dias. Há uma ausência de pesquisas e incentivos para o desenvolvimento de trabalhos que foquem na temática, a fim de ressaltar tal violência contra os povos da floresta, os lugares sagrados, os sítios arqueológicos e, por fim, o patrimônio biocultural deixado pelos ancestrais.



BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, S. S., LISBOA, P. L. B., SILVA, A. S. L. Diversidade florística de uma comunidade arbórea na estação científica “Ferreira Penna”, Em Caxiuanã (Pará). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Botânica*, v. 9, p. 99–188, 1993.

ARROYO-KALIN, M. *A domesticação na paisagem: os solos antropogênicos e o formativo na Amazônia*. Arqueologia amazônica: Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. v. 2, p. 879-908.

BALÉE, W. Cultura na Vegetação da Amazônia Brasileira. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 1989.

BALÉE, W. Sobre as Indigeneidade das Paisagens. In: *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 09-23, 2008.

BANDEIRA, A. M. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luis – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BANDEIRA, A. M. *Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís - Maranhão*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi: 10.11606/D.71.2008.tde-26092008-145347. Acesso em: 16 de jun. de 2020.

BANDEIRA, A. M. Produção de conhecimento em arqueologia: hipóteses sobre o povoamento pré- colonial na Ilha de São Luís a partir das campanhas arqueológicas de Mário Ferreira Simões. *Outros Tempos*, v. 3, p. 18-36, 2006.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Exploração e Estudo do Valle do Amazonas*. Rio Tapajós. Rio de Janeiro: Typographia Nacional. 1875.

BARBOSA-GUIMARÃES, M. Do lixo ao luxo: as premissas teórico-metodológicas e a noção de sambaqui. *Bol. Museu Nacional*, n. s., Antrop., 63:1-23. 2003.

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no brasil. *Revista USP*, (44), 32-51. 2000.

BRASIL. Plano de Manejo da Floresta Nacional de Caxiuanã. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBio. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomasbrasileiros/amazonia/unidade-s-de-conservacao-amazonia/1928-flona-de-caxiuana>. Acesso em: 15 de jun. 2021.

CAMPOS, S. V. *Por uma história de ocupação humana da várzea: Utilização de sensoriamento remoto para pensar prospecção arqueológica*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Oeste do Pará. Pará. P. 1- 148. 2019.



CLEMENT, C. 1492 and the loss of amazonian crop genetic resources. I. *Economic Botany*, 53, p. 88-202, 1999.

COSTA, A. C. L., et al. Experimento Esecaflor-LBA em Caxiuanã In: *Caxiuanã: desafios para a conservação de uma Floresta Nacional na Amazônia*. 1 ed. Belém: MPEG, 2009, v. 1, p. 45-91.

CRUMLEY, C. *Historical Ecology: Cultural Knowledge and Changing Landscapes*. The Journal of the Royal Anthropological Institute. 1994.

DENEVAN, W. A bluff model of riverine settlement in prehistoric Amazonia. *Annals of the Association of American Geographers* [S.I.], v. 86, p. 654-681, 1996.

DE-PAULA, V.G.; LAMAS-CORRÊA, R.; TUTUNJI, V.L. Garimpo e mercúrio: impactos ambientais e saúde humana. *Universitas: Ciências da Saúde*, v. 4, n. 1 / 2, p. 101-110, 2006 .

FERREIRA PENNA, D. S. Breve notícia sobre os sambaquis no Pará. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 1, p 85-89, 1876.

FERREIRA, L. V.; SILVA, A. S. L.; ALMEIDA, S. S. *Diagnóstico da Vegetação da Floresta Nacional de Caxiuanã – ICMBio*, 2012.

FERREIRA, L. V. et al. Riqueza e composição de espécies da floresta de igapó e várzea da Estação Científica Ferreira Penna: subsídio para o plano de manejo da Floresta Nacional de Caxiuanã. *Pesquisas botânicas*, n. 56, p. 103-116, 2009.

FIGUTI, L., & KLÖKLER, D. (1996). Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista Do Museu De Arqueologia e Etnologia*, (6), 169-187. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1996.109260>.

FIGUTI, L. O Homem Pré-Histórico, o Molusco e o Sambaqui: Considerações Sobre a Subsistência dos Povos Sambaquianos. *Revista Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: p. 67-80, 1993.

FURQUIM, P. L.; *Arqueobotânica e Mudanças Socioeconômicas durante o Holoceno Médio no Sudoeste da Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. P. 1- 241. 2018.

GASPAR, M. D.; BLASIS, P. A. D. de. *A ocupação da costa brasileira pelos sambaquieiros: uma síntese das pesquisas*. In: *Tempos ancestrais* [S.l: s.n.], 2012.

GASPAR, M. D. *Aspectos da organização de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1991.

GASPAR, M. D. *Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000.

GUAPINDAIA, V. C. 2004. Prática funerárias pré-históricas na Amazônia: as urnas de Maracá. n. 5 (2004): *Márgenes*.



GEOGLIFOS: paisagens da Amazônia Ocidental / Denise Pahl Schaan, Alceu Ranzi, Antonia Damasceno Barbosa, organizadores.– Rio Branco: GKNORONHA, 2010.100 p.

HART, C. F. 1985. Contribuições para a Ethnologia do Vale do Amazonas. Rio de Janeiro: *Archivos do Museu Nacional*.

HECKENBERGER, M. War and Peace in the Shadow of Empire: sociopolitical change in the upper Xingu of southeastern Amazonia, A.D.1250-2000, 1996, 266f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – University of Pittsburgh, Pittsburgh, 1996.

HILBERT, L. et al. *Evidence for mid-holocene rice domestication in the Americas. Science*, 2017.

HILBERT, P. P. 1959. *Achados arqueológicos num sambaqui do baixo Amazonas*. Publicação do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Belém, v. 10, p. 1-22.

IBGE, 1991. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE. v. 56, p1-96/p1-97, 1996. Projeto zoneamento dos recursos naturais da Amazônia Legal. Rio de Janeiro: Convênio IBGE/SUDAM, 1991. 211 p.

IBGE. *Manuais técnicos em geociências os procedimentos metodológicos utilizados nos estudos e pesquisas de geociências*. Rio de Janeiro, RJ - Brasil. 2012.

IBGE. Secretaria do Orçamento e Coordenação da Presidência da República. *Série Manuais Técnicos em Geociências*. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

ICMBio - INSTITUTO CHICO MENDES DE BIODIVERSIDADE. 2012. *Plano de Manejo Floresta Nacional de Caxiuanã*. Brasília, DF, Brasil.

ILKIU-BORGES, A. L.; LISBOA, R. C. L. Lejeuneaceae (Hepaticae). In: LISBOA, P. L. B. (Org.). *Caxiuanã: populações tradicionais, meio físico e diversidade biológica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2002e. p. 399-419

KÄMPF, N. KERN, D. C. O solo como registro da ocupação humana pré-histórica na Amazônia. In: Trópicos em ciência do solo. Viçosa, MG: *Sociedade brasileira de ciência do solo*, v. 4, julho, 2005.

KERN, D. C. & KÄMPF, N. O efeito de antigos assentamentos indígenas na formação de solos com Terra Preta Arqueológica na região de Oriximiná-Pa. *Rev. Brás. Ci. Solo*, Campinas, 1989. 13:219-25.

KERN, D. C. 1996. *Geoquímica e pedogeoquímica de sítios arqueológicos com terra preta na floresta nacional de Caxiuanã (Portel-Pa)*. Tese de Doutorado. Belém, Centro de Geociências, Universidade Federal do Pará, 124p.

KERN, D. C.; COSTA, M. L. da. Cerâmica arqueológica (sítio Pa-gu-5: Manduquinha) e cabocla na região de Caxiuanã-Pará. *Revista de Arqueologia*, v. 10, n. 1, p. 107-125, 30 dez. 1997.



KERN, D. C. 1988. *Caracterização pedológica de solos com Terra Preta Aqueológica na região de Oriximiná, Pará*. Tese de Mestrado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 232 p.

KLÖKLER, D. M.; *Construindo ou Deixando um Sambaqui? Análise de sedimentos de um sambaqui do litoral meridional brasileiro - processos formativos. Região de Laguna - SC*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo p.1 - 143. 2001.

KLÖKLER, D.M.; Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Revista Habitus* - v.10, n.1, p.83 a 104. 2012.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. 729 p. 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LATHRAP, D. *The Upper Amazon*. Thames & Hudson, 1970.

LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: Os pescadores – coletores do litoral centro-sul do Brasil. *REVISTA USP*, São Paulo, n.44, p. 270-327, dezembro/fevereiro 1999-2000.

LOMBARDO, U., et al. Early and Middle Holocene Hunter-Gatherer Occupations in Western Amazonia: The Hidden Shell Middens. *PLoS ONE*; 8 (8), 2013.

LOPES, C. R.; *Caracterização do Modo de Vida dos Sambaqueiros que Ocuparam o Litoral Paraense - Quatipuru/Pa*. Tese de Doutorado. 2016.

LOPES, P. G. M. GOMES, D. M. C. O Sambaqui Porto da Mina e a cerâmica utilizada como material construtivo: um estudo de caso. *Revista de Arqueologia*, 31(1): 52-72. 2018.

LOPES, P. R. C; *Caracterização do modo de vida dos sambaqueiros que ocuparam o litoral paraense: Quatipuru, Pará, Brazil*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional. Rio de Janeiro. P. 1-250. 2016.

MEGGERS, B. J. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MEGGERS, B. *Environmental limitation on the development of culture*. *American anthropologist*, 1954.

MARCONDES, C. L.; BHLING, H.; SUGUIO, K.; KERN, D. C.; KAMPF, N. *Paisagens Amazônicas sob a ocupação do homem pré-histórico: Uma visão geológica*. As Terras pretas de índio na Amazônia sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Embrapa, 2009.

NEVES, E. G. (2000). O velho e o novo na arqueologia amazônica. *Revista USP*, (44), 86-111.



NEVES, E. G. *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil anos de História na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)*. Tese apresentada para concurso do título de Livre-Docente para o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NEVES, E. G. GUAPINDAIA, V. L. C.; LIMA, H. P.; COSTA, B. L. S.; GOMES, J. A. tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais de visíveis de modificações de paisagens na calho do Amazonas. In: ROSTAIN, S (ed.). *Amazonía: Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, pp. 137- 158, 2014.

NEVES, W. A. *Antropologia ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas* / Walter Alves Neves - 2.ed. - Sao Paulo, Cortez, 2002. - (Coleção Questões da Nossa Época; v. 59).

OPPITZ, G., *Vivendo a paisagem*. Contribuições transdisciplinares para o estudo do contexto regional de sambaquis do litoral central de Santa Catarina. Monografia do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.

PEROTA, C., & BOTELHO, W. (2011). OS SAMBAQUIS DO GUARÁ E AS VARIAÇÕES CLIMÁTICAS NO HOLOCENO. *Revista do Departamento de Geografia*, 7, 49-59. <https://doi.org/10.7154/RDG.1994.0007.0004>.

PICCININ, L. J.; RUIVO, M. P. L.; *Relatório para subsidiar a Elaboração do Plano de Manejo Flona Caxiuanã*. CARACTERIZAÇÃO UNIDADES PEDOLÓGICA. 2012.

PINHEIRO, N. *Arqueobotânica no sítio Terra Preta do Mangabal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, 2021.

POLITIS, G. Moving to Produce: Nukak mobility and settlement patterns in Amazonia. *World Archaeology*, vol. 27, n. 3, pp. 492 – 511, 1996.

PRESTES-CARNEIRO, G. *La pêche dans le sud-ouest de l'Amazonie au cours de l'Holocène: étude des sites de Loma Salvatierra (Bolívie) et Monte Castelo (Brésil)*. Tese de doutorado. Muséum national d'histoire naturelle. 2017.

ROHR, J. A. Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina. *IOESC: Florianópolis*, 1950.

ROHR, J. A. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*, UFSC, Florianópolis 1984, 17.

ROOSEVELT, A. 1995. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity. In: Barnet WK and Hoopé J (eds) *The emergence of pottery: technology and innovation in ancient societies*. Washington (DC): Smithsonian Institution Press, pp. 115–131.



ROOSEVELT, A. C.; HOUSLEY, R. A.; SILVEIRA, M. IMAZIO da; MARANCA, S. & JOHNSON, R. 1991. Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science* 254(5038): 1621-1624.

SCHMIDT, M. J., *A Formação da Terra Preta: análise de sedimentos e solos no contexto arqueológico*, In: Magalhães, M. P. (Ed.), *Amazônia Antropogênica*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 429. 2016.

SHOCK, M. P.; MORAES, C. A floresta é o domus: a importância das evidências arqueobotânicas e arqueológicas das ocupações humanas amazônicas na transição Pleistoceno/Holoceno. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 14, n. 2, 2019.

SILVA, D. F.; *Análise de captação de recursos da área do sambaqui Saco da pedra*, Litoral sul do estado de Alagoas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e ciências humanas. Recife. p. 1-144. 2009.

SILVA, F. A. Mito e Arqueologia: A Interpretação dos Asurini do Xingu sobre os Vestígios Arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu - Pará. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, p. 175-187, 2002.

SILVEIRA, M. I.; OLIVEIRA, E. R.; KERN, D. C.; COSTA, M. L.; RODRIGUES, S. F.S. O sítio Jabuti, em Bragança, Pará, no cenário arqueológico do litoral amazônico. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, Pará, v. 6, n. 2, p. 335 - 345, maio - ago. 2011.

SILVEIRA, M. I. da; SCHAAN, D. P. A vida nos manguezais: a ocupação humana da costa atlântica amazônica durante o holoceno. In: PEREIRA, E; GUAPINDAIA, V. (Org.). *Arqueologia amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. v. 1, p. 35-48.

SIMÕES, M. F. *Relatório de pesquisa arqueológica na Região do Salgado* (Projeto Salvamento). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1970.

SIMÕES, M. F. Coletores – pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). Nota Preliminar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série: Antropologia, Belém (78): 1-26. il. 1981

SMITH, B. General patterns of niche construction and the management of “wild” plant and animals resources by small-scale pre-industrial societies. *Phil. Trans. R. Soc. B*. v. 366, p. 836-848, 2011.

SMITH, B. A cultural niche construction theory of initial domestication. *Biological Theory*, v. 6, n. 3, p. 260-271, 2012.

SMITH, H. *The Amazons and the coast*. 1879.

TOWNSEND, C. et al. *Fundamentos em Ecologia*. 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed. 2006



VELOSO, H. P. *Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal*. Rio de Janeiro IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1991. 124 p.

VILLAGRAN, X. S. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. *Revista Do Museu De Arqueologia e Etnologia*, (23), 139-154. 2013.

WOODS, W. *Os solos e as ciências humanas: interpretação do passado. As terras pretas de índios da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas*. TEIXEIRA, W. G. et al. (orgs.). Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Embrapa Amazônia Ocidental, 2009.

ZIMPEL, N. T. C. A.; PUGLIESE Jr, F. A. A fase bacabal e suas implicações para a Interpretação do Registro Arqueológico no Médio Rio Guaporé, Rondônia. In BARRETO, M. C. LIMA, H. BETANCORT, C. J. (org), *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. IPHAN/MPEG. 2017.

ZIMPEL, N. T. C. A.; PUGLIESE Jr, F. A. *A História Indígena Profunda do Sambaqui Monte Castelo*. Um ensaio sobre a longa duração da cerâmica e das paisagens no sudoeste amazônico. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. P. 1- 158. 2018.

URGATE, A. S. Margens míticas: Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In GOMES, F. & PRIORE, M. del (org.). *Os senhores dos rios, Amazônia, margens e histórias*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. pp. 3-31